

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**KARINA DE FRANÇA SILVA**

**O LAZER COMO IMPORTANTE COMPONENTE NA CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA**

**SÃO PAULO**

**2017**

KARINA DE FRANÇA SILVA

**LAZER COMO IMPORTANTE COMPONENTE NA CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araujo

SÃO PAULO

2017

S586L Silva, Karina de França

O lazer como importante componente na construção identitária. / Karina de França Silva. – 2017.

88 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

Orientador: Paulo Roberto Monteiro de Araujo

Bibliografia: f. 70-72

1. Lazer. 2. Identidade. 3. Políticas públicas. 4. Cultura. I.  
Título

CDD 790.0135

KARINA DE FRANÇA SILVA


O LAZER COMO IMPORTANTE COMPONENTE NA CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.


Aprovada em 30 de Maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA

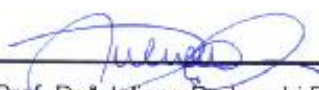
---

  
Prof.º Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

  
Prof.ª Dr.ª Mariza de Fátima Reis  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

  
Prof. Dr.ª Juliana Pedreschi Rodrigues  
Universidade de São Paulo

À minha filha Luíza, aos meus pais, Joaquim e Julieta, ao meu irmão Júlio, ao meu sobrinho Lucas, ao meu companheiro Mário. À Dayana, *in memoriam*.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Fonte de Luz, Vida e Sabedoria, que nos dá força diariamente para seguir em frente!

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, ambiente primoroso de conhecimento.

À CAPES pela bolsa de estudos concedida.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo, pelas orientações, generosidade e, acima de tudo pelo respeito e seriedade demonstrados em suas aulas, pelo incentivo à pesquisa acadêmica e o desenvolvimento do Pensar.

Aos colegas da turma de mestrado. Agradeço especialmente aos amigos: Mestre Maria José de Oliveira Navarro e ao Mestre Odenício Júnior Marques e Doutorando Fransmar Costa Lima.

Ao Secretário do Programa em Educação, Arte e História da Cultura, Marlon Póvoas.

Às Professoras Doutoras: Mariza de Fátima Reis (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e Juliana Pedreschi Rodrigues, que possibilitaram a ampliação dos meus horizontes de significações, deixando suas marcas de saber e elegância.

Ao estudante de Filosofia Daniel Souza, pelo apoio na pesquisa de campo realizada, pelo entusiasmo e dedicação tão presentes em sua fala nos momentos de estudos.

Aos colegas do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc: Andréa Nogueira, Maurício Trindade, Carla Ferreira da Silva, Mayara Carvalho, Glaucianne Vita, Dani Ribas e Dulci Lima.

À Isaura Botelho e sua importância no cenário das políticas públicas culturais no Brasil. Aos valiosos momentos de troca que sempre me levaram a reflexão e novas possibilidades de aprendizado.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – A REINVENÇÃO DO LAZER</b> .....	15
As relações entre lazer, cultura e políticas públicas .....	15
A urbe como cenário – Programa Esporte e Lazer na Cidade e Programa Ruas Abertas – Avenida Paulista Aberta aos Domingos .....	27
<b>CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE E LAZER</b> .....	33
Identidade.....	33
Identidade em Hall .....	35
Identidade em Canclini.....	40
PELC – Programa Esporte e Lazer na Cidade.....	49
Abordagem Pedagógica do PELC – as interfaces entre as políticas públicas, universidade e a comunidade.....	50
Programa Ruas Abertas no município de São Paulo – Avenida Paulista aberta aos domingos .....	53
<b>CAPÍTULO 3 – LAZER, IDENTIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS</b> .....	56
<i>Habitus</i> – O processo entre capitais e sociedade e as dimensões da cultura, entendimentos e contribuições às políticas públicas.....	56
A Triangulação, fundamentação e escolha pela técnica de pesquisa.....	63
Análise dos Dados .....	64

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
Referências.....	70
Anexos .....	73



## **RESUMO**

A compreensão do lazer como importante componente na construção identitária foi problematizada nesta pesquisa, além de ter como objetivo principal analisar a relação entre os temas Lazer e Identidade. A técnica de pesquisa escolhida foi a Triangulação de Dados, que nos apoiou na coleta dos dados e respectivas análises. Os três elementos da técnica foram: entrevista realizada com um teórico do Lazer, professor Camargo, entrevista feita com um gestor do Programa Esporte e Lazer na Cidade - PELC, professor Secco e a finalização da técnica foi a pesquisa de campo ocorrida na Avenida Paulista com questionário semi-estruturado, apresentado a quinze pessoas em momento de lazer. Foram definidos dois programas sociais, a saber: PELC e Programa Ruas Abertas, para estudar justamente as relações entre lazer, identidade e políticas públicas. O primeiro programa de âmbito federal e o segundo com atuação no município de São Paulo. Os conceitos que circundam o lazer, assim como os que dão respaldo à questão identitária, foram estudados à luz de teóricos como Dumazedier, Hall, Canclini e as discussões sobre *habitus* e dimensões da cultura foram analisadas tendo como base as contribuições de Bourdieu e Botelho. A relação entre as temáticas lazer e identidades foram confirmadas e os teóricos escolhidos para este estudo contribuíram sobremaneira para a consolidação de conhecimentos.

**Palavras-chave: Lazer. Identidade. Cultura. Políticas Públicas.**

## **RESUMEN**

La comprensión del ocio como importante componente en la construcción identitaria fue problematizada en esta investigación, además de tener como objetivo principal analizar la relación entre los temas Ocio e Identidad.. La técnica de investigación escogida para su realización fue Triangulación de Datos, que nos apoyó en la recopilación de datos y respectivos análisis. Los tres elementos de esta técnica fueron: entrevista realizada con un teórico del Ocio, Profesor Camargo, entrevista realizada con un gestor del Programa Deporte y Ocio en la Ciudad - PELC, Profesor Secco, y la finalización de la técnica fue aplicada en la Avenida Paulista, con un cuestionario semiestructurado presentado a quince personas en su momento de ocio. Fueron definidos dos programas sociales, tales como: PELC y el Programa de Calles Abiertas para estudiar justamente las relaciones de ocio, identidad y políticas públicas. El primer programa de ámbito federal y el segundo con actuación en la ciudad de São Paulo. Los conceptos que envuelven el ocio, así como los que dan respaldo a la cuestión identitaria, fueron estudiados por teóricos como Dumazedier, Hall y Canclini, y las discusiones sobre habitus y dimensiones de la cultura fueron analizadas teniendo como base las aportaciones de Bourdieu y Botelho. La relación entre las temáticas ocio e identidad fueron confirmadas, y los teóricos escogidos para este estudio contribuyeron sobremanera para la consolidación de conocimientos.

**Palabras Clave: Ocio. Identidad. Cultura. Políticas Públicas.**

## INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a inter-relação entre Lazer e Identidade tendo como base a verificação de programas públicos de lazer – o PELC e o Programa Ruas Abertas. Partimos da ideia da importância do lazer perante as políticas públicas, pressupondo que ainda exista as chamadas “Políticas Públicas do Lazer”, todavia, foi também analisado o quanto essas políticas dão voz e protagonismo aos sujeitos pertencentes às comunidades participantes.

Assim sendo, para esta pesquisa, duas perguntas emergiram e se relacionaram:

- 1) Os programas públicos voltados ao lazer consideram em sua gênese a constituição identitária dos indivíduos?
- 2) Uma vez implementados, os programas dão voz e permitem o protagonismo de seus participantes?

Estas questões foram respondidas com base na utilização da técnica da Triangulação de Dados, empregando-se duas entrevistas com professores, sendo um deles, teórico do lazer e outro gestor do PELC, o terceiro elo da técnica de pesquisa utilizado foi o trabalho de campo na Avenida Paulista. Com os dados coletados, privilegiou-se a análise sob a luz dos conceitos ora estudados, confirmando-os e resultando na relação presente entre os temas pesquisados.

Esta pesquisa apresentada em três capítulos se organizou de maneira a trilhar primeiramente alguns conceitos que acercam o lazer, destacando as contribuições de Dumazedier e Marcassa, propondo ‘A Reinvenção do Lazer’, concebendo assim o capítulo 1. O capítulo 2 se deteve na apresentação de conceitos que dizem respeito à identidade sob a luz dos Estudos Culturais, sobressaindo-se dois autores: Hall e Canclini. O capítulo 3 apresentou as relações existentes entre o lazer, identidade e políticas públicas, com o diálogo de dois autores: Bourdieu e Botelho. Também neste mesmo capítulo houve a análise dos dados coletados e por último as considerações finais.

A gênese desta pesquisa se deveu ao entendimento do lazer como de extrema importância na dinâmica humana; constituindo elemento significativo tanto no cuidado de si, como na formação identitária dos indivíduos. Deste modo, o lazer aparece desprovido de objetivos materiais, como meio que possibilita o amadurecimento de nossa subjetividade. Além de criar oportunidade de apropriação dos espaços públicos na nossa cidade. O lazer também aparece como sendo indispensável à formação adiante da nossa humanidade.

Atualmente os debates sobre diferentes aspectos do lazer presentes no meio acadêmico versam em maior parte sobre o universo e a interface como, por exemplo, o entretenimento, a recreação, a educação, a promoção da saúde, o turismo e as políticas públicas. Entretanto, o foco dado à presente pesquisa buscou primeiramente a compreensão das relações dos temas lazer e identidade e, posteriormente observamos sua correspondência com as políticas públicas.

No capítulo 1 nos detivemos a apresentar a natureza interdisciplinar do lazer, que demonstra ainda uma característica peculiar: pelo seu dinamismo está aberto a novas investigações em diferentes perspectivas, reflexões e definições. Segundo Dumazedier (1999) após o indivíduo se “desembaraçar” das obrigações profissionais, familiares e sociais existe a possibilidade da participação social voluntária e a propagação de sua capacidade criadora, sendo assim o lazer pode contribuir sobremaneira para que esses elementos se concretizem. Nesse sentido, pesquisar a questão do lazer como elemento importante na construção identitária dos indivíduos é pertinente para entendimentos e proposição dos debates contemporâneos.

No capítulo 2 com o aporte dos Estudos Culturais, foram expressos conceitos sobre identidade. O conceito pós-moderno de identidade desenvolvido por Hall (2002) apresenta-a como múltipla e constantemente mutável, diferentemente da identidade fixa, essencial ou permanente do sujeito vista até então. O que também ampliou a perspectiva do lazer, tornando-se propulsor de reconhecimento do indivíduo por ele mesmo, da sua inclusão frente à esfera pública e que, portanto, desempenha papel político.

Considerando um conceito de Canclini (1995), a noção de cidadania proeminente, quando existe por parte dos indivíduos o questionamento da natureza de pertencimento a algum lugar e quais são os direitos que este gera. Outros questionamentos que podem surgir são justamente da ordem de quem pode fazer a representação destes mesmos indivíduos e que práticas de consumo podem remeter a estas pessoas.

No capítulo 3, um diálogo entre os autores Pierre Bourdieu e Isaura Botelho foi proposto para dar fundamentação às relações entre lazer, identidade e políticas públicas. O conceito de *habitus*, profundamente estudado por Bourdieu, em nossa pesquisa foi mostrado conjuntamente com as dimensões antropológicas e sociológicas da cultura, propostas por Botelho. Estes elementos nos ajudam a interpretar as imbricações existentes entre lazer, identidade e políticas públicas. As análises dos dados coletados foram realizadas utilizando a metodologia da Triangulação, que nos deu apoio finalizando nas considerações finais.

Reportando-nos a Mafesolli (1994), seu conceito de cidade como um espaço de celebração, da oportunidade de criação através do lazer e do convívio com o outro e da apropriação da cidade, é possível estabelecer uma relação com a cidade de São Paulo e a realidade da Avenida Paulista, que durante a semana é tomada pelo trânsito frenético de carros e a pressa das pessoas para chegar ao trabalho e, aos domingos é ressignificada, tornando-se importante na vida dos paulistanos para o cuidado de si, além de nos fazer refletir o quanto é importante o papel das políticas públicas neste sentido.

Vontando-se aos objetivos específicos, foram analisados documentos públicos que fundamentam estes programas públicos de lazer. Além do levantamento e análise da bibliografia acerca do lazer contemporâneo em sua relação com as políticas públicas e também sobre identidade, foi realizada intervenção em campo para coleta de dados com pessoas em momento de lazer na Avenida Paulista e análise dos relatos dos participantes ao questionário semi-estruturado aplicado.

A investigação dos elementos relevantes à formação da identidade tem sido realizada com frequência no meio acadêmico porque é uma fonte rica para

o entendimento da era contemporânea. A presente pesquisa contribuiu para o melhor entendimento do lazer e justamente sua interface com a questão identitária, a cidade e seus espaços. Nesse sentido a análise de programas públicos e seus resultados nas comunidades envolvidas se fez necessária para a compreensão das dinâmicas sociais.

## **CAPÍTULO 1 – A REINVENÇÃO DO LAZER**

No presente capítulo analisamos o lazer como fenômeno histórico decorrente da nossa sociedade urbano-industrial. Sendo uma conquista social, o lazer pode ser considerado um tema transversal e estudado por diversas áreas do conhecimento.

O vínculo do lazer com a cultura, e as tratativas dadas a ele pelas políticas públicas, ganham notória relevância a partir de 2003 com a implantação do PELC – Programa Esporte e Lazer na Cidade – programa social de âmbito federal. Neste capítulo também abordamos o Ruas Abertas, que inclui o Programa Avenida Paulista Aberta aos Domingos. É apresentada também a relação entre estes dois programas sociais, o PELC, de âmbito federal e o Ruas Abertas, de caráter municipal, dentro do contexto do município de São Paulo.

### **As relações entre lazer, cultura e políticas públicas**

Conhecer os hábitos de *lazer* e *cultura* se torna necessário à medida que se reconhece nesta tarefa a possibilidade de análise das relações sociais e suas desigualdades. O *lazer*, tema desta pesquisa, atrela-se com a cultura, pois fomenta debates transversais que permeiam temas como *trabalho*, *tempo livre* e *políticas públicas*. Mesmo com sua natureza interdisciplinar, no meio acadêmico, a corrente que estuda o lazer costumava fragmentar o aspecto integrador do nosso objeto, extraindo a cultura como se ela fosse parte desagregada, distante e fora do contexto do *lazer* (Marcassa, 2002); o que acende a necessidade de pesquisas em torno desta temática contemporânea, como forma de contribuição e entendimento de demandas socioculturais.

A proposta escolhida para o estudo não foi dar ênfase às categorizações do lazer. O objetivo deste primeiro capítulo é apresentar as possibilidades contemporâneas sob a luz das políticas públicas, das mais abrangentes, como é o caso da nossa Constituição Federal e de programas sociais, de caráter

federal e municipal, como o PELC – Programa Esporte e Lazer na Cidade e o Ruas Abertas da cidade de São Paulo, implantados a partir do ano de 2003.

O lazer na esfera pública, quando mencionado, a partir de 2003 deixa de ser manifestado e associado apenas às atividades de recreação ou esporte; não se apresentando de forma secundária, e não omitindo seu caráter plural. Portanto, a proposta da “reinvenção do lazer”, mostra-se necessária, pois abarcará subsídios teóricos, reflexivos e contemporâneos que servirão de apoio aos debates acadêmicos.

É pertinente ressaltar a intersecção entre *cultura e lazer* no ‘tempo disponível’, em um momento histórico situado, resultante de uma sociedade contemporânea urbano-industrial. Cabe destacar que principalmente a partir da segunda metade do século XIX e durante todo o século XX, grupos sociais formados essencialmente por trabalhadores, organizavam-se basicamente para reivindicar melhoria salarial e diminuição da jornada de trabalho, resultando no tempo disponível fundamental para o lazer. Sublinhamos que na sociedade industrial ter tempo livre não significa necessariamente ter lazer. A constatação do lazer é possível quando se emerge e se observa o objetivo do cuidado de si (Leif, 1992), complementado pelo excerto:

(...) existe uma fragmentação nas interpretações do lazer como fenômeno social. Se por um lado existe um grupo que se apega mais às questões político-ideológicas, tratando com despreço as produções culturais das sociedades, como se elas não fossem constitutivas do real e não pudessem ser apreendidas do passado e, portanto, não fizessem parte da sua explicação histórica, por outro, as abordagens culturalistas do lazer parecem desconsiderar a visão de totalidade, como se a cultura existisse de forma autônoma, a-histórica e desconectada das condições materiais e concretas de seu contexto.(MARCASSA, 2002, p.182)

Dentro desse contexto, no decorrer da década de 1970 variadas repartições públicas associava o lazer a setores específicos, que se enquadravam nos âmbitos estaduais e principalmente nos municípios. Tornaram-se comuns a proliferação de Secretarias e suas respectivas divisões de Esportes e Lazer, Recreação e Lazer, Cultura e Lazer, Turismo e Lazer, etc. (Marcellino, 2004). A Constituição Federal de 1988 registra o lazer de forma



assistencialista e utilitária, apresentando-o como única possibilidade quando vinculado ao esporte. Percebe-se que por vezes as demais políticas setoriais ainda são carregadas deste vício, restringindo o lazer e considerando-o isento do diálogo com os demais vínculos sociais:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

I- a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II- a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

III- o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional;

IV- a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

§1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei.

§2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final.

§3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

Título VIII, Capítulo III, Seção III, do Desporto, no Artigo 217 da Constituição Federal de 1988. (BRASIL CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Como podemos analisar no excerto acima, extraído da Constituição Federal, o lazer é categorizado de forma coadjuvante, todavia, este não é o único problema. O que existiu no momento de sua promulgação foi o mau entendimento por parte das políticas públicas, que se traduziu em um grande erro, pois isolou o lazer, pura e simplesmente, desvinculando-o de debates sociais, desintegrando-o de sua amplitude (MARCELLINO, 2007, p.17).

Mais recentemente, com a criação do Ministério do Esporte, o lazer vem sendo objeto de ação mais direta, por parte do governo federal, na Secretaria de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, e com a realização de duas Conferências Nacionais do Esporte, em que o lazer também foi abordado. Mais ainda o é como apêndice de um dos seus conteúdos culturais, apenas. (MARCELLINO, 2007, p.10)

Marcellino (2007) elucida o período anterior a 2003, em que o entendimento de lazer era mais restrito, tendo sua ação por vezes reduzida pelas políticas públicas. Entretanto, no decorrer deste capítulo apresenta-se a compreensão de lazer presente em dois programas, nos quais ele foi pensado

em diferentes camadas e compreensão, desdobrando-se assim em novas percepções e ações para o coletivo e sobretudo para a melhoria em um âmbito social. Nestes programas, o PELC e o Ruas Abertas, o lazer além de sua característica interdisciplinar atua em diversas frentes, entrelaçando-se com a cultura em manifestações humanas de ordem artística e intelectual.

Em busca da compreensão do nosso tema, Dumazedier (1999)<sup>1</sup> nos explicita que o lazer não possui uma definição permanente. Para o autor, a fruição do lazer não tem que ser necessariamente algo isolado das tantas atividades exercidas por um indivíduo, ou seja, uma pessoa pode estar em seu trabalho, seja ele de qualquer natureza e estar em fruição do lazer. Da mesma forma Dumazedier nos indica:

O lazer não é uma categoria, porém um estilo de comportamento, podendo ser encontrado não importa a atividade: pode-se trabalhar com música, estudar brincando, lavar a louça ouvindo rádio, promover um comício político com desfiles de balizas, misturar o erotismo ao sagrado, etc. Toda atividade pode vir a ser um lazer. (DUMAZEDIER, 1999, p.88)

Associada à contribuição de Dumazedier, considera-se a possibilidade do lazer como atividade não obrigatória, atividade pessoal, que tem como alvo o prazer no tempo livre. Este prazer percebido como uma oportunidade de ingresso à subjetividade, não meramente como um único alvo a ser alcançado, porém, o que deve ser observada é a busca, o exercício de mergulho em si, a luta por uma sensação de prazer que pode ou não vir a acontecer.

Para Dumazedier, pode-se pensar que a decisão individual por uma atividade de lazer é para recompor uma fragilidade ou o conjunto delas em virtude da vida em meio a nossa sociedade pós-industrial<sup>2</sup>. Contudo, deve-se lembrar que a escolha por determinada atividade tem um fim em si mesma. Ele afirma que há a perspectiva do reconhecimento por parte do indivíduo de sua própria subjetividade e que nesse movimento existe a possibilidade de um ser que pode criar. (DUMAZEDIER, 1999).

---

<sup>1</sup> No livro de Joffre Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer*, lançado primeiramente em 1974 e originalmente em francês,

<sup>2</sup> Sociedade pós-industrial segundo Daniel Bell, apoia-se na prestação de serviços e tem seu poder na informação.

Ainda referindo-nos à *Sociologia Empírica do Lazer*, Dumazedier cita o filósofo Marcuse (1981), porque este último refuta a possibilidade de existência do lazer como atividade não alienante, ou seja, Marcuse indica que as forças de produção, os grandes empresários da indústria, os banqueiros, toda a força 'empregadora', são na verdade criadoras e manipuladoras destes períodos de descanso.

Dumazedier (1999) não considera absolutos os apontamentos de Marcuse, pois seria reduzir nosso objeto de estudo – o Lazer, e todo seu processo primordial e escolha pessoal - e conduzi-lo apenas a 'condicionamentos econômico-sociais', desfavorecendo, empobrecendo e desconsiderando as subjetividades individuais. Acreditamos que Dumazedier, ao citar Marcuse, refere-se ao livro *Eros e Civilização*(1981), pois não há registros mais objetivos.

Por sua vez, Gutierrez (2001) nos convida a refletir sobre o lazer como um tema ainda em aberto, pois apresenta conflitos e paradigmas existentes em torno do trabalho, e por outro também se depara com a crise/crítica não presente apenas no Lazer, trata-se de uma crise paradigmática da área das Ciências Humanas.

Ainda nos apoiando em Gutierrez (2001), o sociólogo alemão Claus Offe aparece em seu texto publicado no Brasil em 1989, ele questiona se o trabalho ainda é categoria sociológica fundamental? Segundo Gutierrez, Offe tenta conferir se de fato ainda há a centralidade na categoria trabalho. Apesar de Gutierrez não concordar com Offe, podemos considerar que o texto de 1989 contribui para o debate contemporâneo no sentido de trazer à tona a questão das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC's, mas, Gutierrez (2001) afirma que não se pode ser reducionista ao ponto de se levantar a hipótese de uma nova Revolução Industrial e de colocar de lado a categoria trabalho, tirando-lhe sua importância, nesse sentido Marcassa (2002) ressalta que:

Entender o trabalho como determinante das relações entre os homens significa compreender o tempo livre como derivação de sua certa organização social, cuja manifestação depende de sua íntima vinculação à objetivação e à configuração da forma assumida pelo trabalho na sociedade concreta. Além disso, para apreender o tempo livre é preciso qualificar o que se

chama de tempo de trabalho. Entretanto, este só aparece no Brasil com a implantação do trabalho livre, a definição de uma jornada de trabalho e o assalariamento que é a recompensa do trabalhador por empenhar seu tempo/força de trabalho na produção de mercadorias. Então, devido à complexa história colonial brasileira, hegemonicamente, só é possível demarcar e caracterizar o tempo de trabalho com a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre processo decorrente do desenvolvimento do modo de produção capitalista, da industrialização e da urbanização dos centros comerciais e políticos mais importantes do país no período. (MARCASSA, 2002, p.15)

Gutierrez (2001) ainda prossegue afirmando que quando nos referimos à satisfação dos sentidos, à busca pessoal pelo prazer, reportamo-nos ao lazer como uma opção individual e plena de liberdade. Para este autor é uma oportunidade de nossa vontade ser exercida de forma tão autêntica como nenhuma outra forma na vida social, configurando-se como dimensão significativa da existência humana (GUTIERREZ, 2001, p. 9).

Dentro desta dimensão a cultura pode ser entendida como modo de vida de um grupo de pessoas, mas, que também se manifesta em comportamentos individuais, sendo que cada ator se relaciona com seus demais pares com o objetivo de ser pertencente àquele grupo. Marcellino (2004) discorre sobre a oportunidade de escolha advinda do tempo livre:

Como cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, p.31,2004)

Conforme exposto acima e considerando-se as práticas culturais, as escolhas referentes ao consumo<sup>3</sup>, inclusive no que tange aos bens culturais, as preferências, correspondem às identificações inseridas em um contexto social. Portanto, como nos aponta o sociólogo francês Pierre Bourdieu, as teorias das

---

<sup>3</sup> O consumo não está desvinculado às lógicas de mercado e, este é um ponto nevrálgico entre as políticas culturais e as respectivas intervenções de manifestações culturais. Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. – N. 12 (maio/ago. 2011)

culturas de classes se apoiam nas relações de produção, na dimensão simbólica das relações sociais (Bourdieu, 1979).

Como toda a espécie de gosto, ela une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos àqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que tem de mais essencial, já que o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se e para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. (BOURDIEU, 2007, p.56)

Ainda segundo Bourdieu (2007) existe intersecção nas relações sociais, e estas mesmas dialogam com os resultados, sobretudo nas interações presentes entre lazer, cultura e políticas públicas. É presente a interlocução entre os agentes de lazer e sociedade.

A mesma sociedade que com sua evolução sobre o entendimento do trabalho, com seus trabalhadores contextualizados em um cenário pós-industrial, refletiu os resultados oriundos desse desenvolvimento, concomitante a estes fatos a mesma sociedade que possibilitou o surgimento do lazer, esta mesma a questiona, principalmente em temas que suscitam seus valores (Marcellino, p.11). Segundo este autor:

Não se concebe, assim, o lazer na sua especificidade abstrata, o que quer dizer que seu entendimento não é estabelecido em si mesmo, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade, mas como um componente da cultura historicamente situada. (MARCELLINO, 2007, p. 12)

A citação acima, contribuição de Nelson Carvalho Marcellino, professor e pesquisador do lazer, tece esclarecimentos quanto à importância deste fenômeno nas sociedades contemporâneas. Ele nos ajuda também a compreender que o conceito de lazer hoje é diferente do que havia na antiguidade clássica, época em que se compreendia o lazer como atividade meramente de contemplação. Atualmente, o que se reivindica através do lazer são questões em torno da cidadania, colaboração e envolvimento cultural.

No decorrer desta pesquisa nos deparamos com a interdisciplinaridade do lazer e sua confluência entre os elementos da cultura e políticas públicas.

Este movimento aproxima justamente estes elementos, daí surge a proposta deste primeiro capítulo - A reinvenção do lazer.

Consideramos outro apontamento relevante de Marcellino (2007), que indica que a relação trabalho e lazer pode ser analisada de forma mais ampla:

Vamos nos ater a apenas um exemplo: o cinema. É cultura. Certo? Nunca vai deixar de sê-lo no total. Mas uma parte dele, a produção cultural, deveria estar atrelada a uma política cultural. O cinema mesmo, ato de ir até o filme, acontece no lazer das pessoas, e, portanto, deveria estar incluído dentro de uma política de lazer. Construção e localização de salas, programação etc. são elementos de políticas de lazer, uma vez que o trabalho cultural é a realização do filme. O diretor de um cine-clube é um animador sociocultural, um trabalhador da área do lazer. (MARCELLINO, 2007, p.15)

Nesta contribuição de Marcellino (2007), o autor nos apresenta as possibilidades do lazer como propulsor, como veículo para a formatação de políticas públicas. Diferentemente do que ocorria na prática, onde sua compreensão era parcial e limitada. (Marcellino, 2007).

Também discutindo o papel do poder público, Oliveira (1986) em seu texto *Tempo livre, trabalho e lutas sociais* nos orienta a pesquisar e analisar o lazer e suas relações sociais. Segundo Oliveira, o trabalho desempenha papel fundamental, mas é importante também o entendimento das esferas do não trabalho. Este autor nos alertava sobre a parcialidade e limitação frequente por parte dos órgãos públicos com relação à definição do lazer, dando a ele um pronunciamento por vezes ou em geral diminuído.

Reportando-nos novamente a Dumazedier (1975), em seu texto *Questionamento teórico do lazer* que nos são apresentados três pilares, quais sejam: o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social. O pilar divertimento tem como elemento o entretenimento, porém, este último é percebido nos dias de hoje de forma autônoma, independente e faz referência ao lazer mercantilizado. A mercantilização do lazer por vezes não considera manifestações populares, estas ligadas a intimidade de seus membros, de seus grupos, com reflexos em seu cotidiano e suas crenças (Marcellino, 2007, p. 18).

Corroborando com a perspectiva acima, Botelho (2007) nos explicita a importância do acesso à cultura, o cuidado que se deve ter ao tratar os diversos públicos e a defesa da cultura popular:

Investir na democratização cultural (...) implica em colocar todos os meios à disposição, combater a dificuldade ou impossibilidade de acesso à produção menos 'vendável', e também contrabalançar o excesso de oferta da produção que segue as leis de mercado, procurando o que seria uma efetiva 'democracia cultural' – algo distinto da democratização unidirecional que orienta as políticas (...). A democracia cultural pressupõe a existência de públicos diversos – não de um público, único e homogêneo. Pressupõe também a inexistência de um paradigma único (a cultura erudita) para a legitimação das práticas culturais. E se apoia nos novos estudos que procuram ultrapassar a consideração de variáveis como classe, renda, faixa etária e localização domiciliar como as únicas relevantes para um maior ou menor consumo de natureza cultural.(BOTELHO, p.173, 2007)

A pesquisadora Isaura Botelho nos mostra a importância da diversificação de produtos e objetos culturais, pressupondo a existência de vários tipos de públicos<sup>4</sup>. Com tal reflexão poderemos averiguar que ações de políticas culturais, baseadas na democratização de acesso à cultura, oportuniza a escolha entre gostar ou não dos produtos e/ou objetos, que proporciona o questionamento e a não restrição apenas a 'cultura' das artes e espetáculos legitimados. Consequentemente, aumentará a conjunção e a abertura à inclusão, dando espaço a manifestações da cultura popular.

A contribuição de Botelho (2010) acerca do 'universo de competência cultural', nos remete à urgência de políticas estruturadas para melhor utilização dos espaços de cultura e ações educativas. Outro dado relevante apontado por Botelho é que o capital cultural é mais resolutivo e decisivo se comparado à renda familiar, dado este que colabora com a reflexão de que políticas educacionais e políticas culturais podem e devem 'andar juntas' na promoção de mais dignidade social.

---

<sup>4</sup> O que há é um conjunto de públicos diferentes, com respostas diferentes conforme localização espacial, faixa etária, condição de classe, história familiar, bagagem cultural. Esta diversidade de públicos é correlata a uma pluralidade de padrões de cultura que evidencia distintas possibilidades de escolha, as quais devem ser levadas em conta para que políticas de democratização da cultura deixem de se apoiar em premissas duvidosas, quase sempre não explicitadas, tais como "só a cultura erudita, valor sacralizado, merece ser difundida", ou "basta que haja o encontro entre a obra e o público (indiferenciado) para que haja desenvolvimento cultural".

Botelho (2010) nos aponta que um elemento crucial que impede a obtenção de hábitos culturais é o *simbólico*. A autora nos explica que não há possibilidade de fruição daquilo que não se conhece. Botelho salienta que as preferências culturais, ou como ela prefere expressar, o gostar e o não gostar está inserido em um ‘universo de competência cultural’, que tem como elemento importante a formação escolar.

Com relação à formação escolar, apresentando-a como “jogo de saber”, expressão utilizada por Marcelino (2003) em sua obra *Pedagogia da Animação*, nos aproximamos de Huizinga:

O ritual teve origem no jogo sagrado, a poesia nasceu do jogo e dele se nutriu, a música e a dança eram puro jogo. O saber e a filosofia encontraram expressão em palavras e formas derivadas das competições religiosas. As regras da guerra e as convenções da vida aristocrática eram baseadas em modelos lúdicos. Daí se conclui necessariamente que em suas fases primitivas a cultura é um jogo. Não quer isso dizer que ela nasce do jogo, como um recém-nascido se separa do corpo da mãe. Ela surge no jogo, e enquanto jogo, para nunca mais perder esse caráter. (HUIZINGA, p. 193, 2001)

Esta aproximação da aprendizagem e da formação escolar ao jogo vai além de aliá-la simplesmente ao lúdico. No jogo existe a possibilidade de mais de um protagonista. O papel de cada participante é valorizado e suas devidas participações dão visibilidade à importância de suas produções culturais. A mediação deste jogo também é importante. Quem são os responsáveis por essa mediação? Professores, agentes das comunidades, intelectuais, gestores e artistas, com interações em si, proporcionando diálogo entre diferentes culturas e valores (Turino, 2005).

Willians (1958)<sup>5</sup>, em seu texto *A Cultura é de todos*, nos propõe ‘desacortinar’ as condições políticas que ajudavam a proliferação desta ideia. Willians nos convida ao entendimento e nos alerta de que não existem ‘massas’, todavia, há formas de se ver os outros como ‘massas’. É justamente desta concepção que surge a defesa da construção de uma cultura em comum, ordinária.

---

<sup>5</sup> Referência dos Estudos Culturais ingleses, em 1958, em seu cultuado ensaio *A Cultura é de todos*, contesta o entendimento que a cultura é para poucos.



Para pensarmos a arte como forma de lazer, está estabelecido aqui, portanto, um primeiro desafio: reverter essa compreensão de que se trata de algo para poucos, concepção que ainda hoje é mais forte do que a princípio poderíamos conceber. A arte não é superior, é ordinária, sendo necessário, portanto, desmontar as hierarquias construídas ao seu redor. (MARCELLINO, 2007, p. 73)

A citação acima de Marcellino complementa a contribuição de Williams no sentido da análise e na proposta de atividades artístico-culturais para todos. As denominações ‘comum’ e ‘ordinária’, mais habituais nas traduções do ensaio de Williams, dão luz à diminuição de fronteiras entre uma manifestação humana considerada erudita, legitimada e aquelas consideradas populares.

Além disso, a questão simbólica, que afasta grande público dos espaços de fruição de lazer, ocasionados por atendimentos discriminatórios, devido por vezes à falta de políticas governamentais, que poderiam fomentar inclusive contínuas capacitações culturais que em pouco prazo poderiam melhorar a distribuição dos bens culturais no ambiente urbano (Melo, Peres, 2005).

Ainda sobre a questão da cultura e a ideia de que ela é para todos, abaixo Marcassa (2002) nos aponta que:

(...) os divertimentos das camadas populares desenvolviam-se de acordo com suas condições de vida, mas sem deixar de propiciar a criação de ricas oportunidades de participação e convivência na “comunidade”, a produção, material e simbólica, de práticas culturais que viessem atender a suas necessidades e aspirações. Além disso, a fruição e a vivência de experiências lúdicas expressam usos do tempo livre possuíam um sentido associado ao modo de organização coletiva que envolvia o cotidiano dessa parcela da sociedade paulista na época. (...) as formas encontradas pelos setores marginalizados, a construção dos trajetos não é aleatória nem ilimitada em suas possibilidades de combinação. Estamos diante de uma lógica ditada por sistemas de compatibilidades. (MARCASSA, p. 75, 2002)

Contra-pondo-se à perspectiva “da cultura para todos”, Teixeira Coelho (2012) defende que até meantes dos anos 1950, o lazer era entendido como uma grande conquista social, mas, neste mesmo período o mercado se sistematizou para colocar o lazer na condição de mercadoria. Com a ação do mercado, há um questionamento sobre o caráter liberatório do lazer. Este caráter se desvenda quando as diversas obrigações do cotidiano, obrigações

estas de ordem familiar, profissional, institucional, espiritual, inseridas nos mais variados contextos sociais, quando em um breve momento essas obrigações se distanciam para dar vazão à possibilidade do cuidado de si, cuidado esse que o indivíduo poderia conseguir através do Lazer.

O mercado que dialoga com o advento da indústria cultural, padroniza suas ofertas de lazer. Este último fortemente julgado por suas ações superficiais, oferecendo aos que o fruía possibilidades alienantes, ao invés de possibilidades que iriam ao encontro de suas subjetividades. Teixeira Coelho (2012) também argumenta que durante a segunda metade do século XX formou-se uma clara refutação entre *cultura* e *lazer*. O lazer começou a ser associado à ferramenta da hegemonia dominante, assim como ação alienante às pessoas da nossa era (Teixeira Coelho, 2012, p. 250). O lazer dentro desta perspectiva aproxima-se de uma finalidade utilitária, tendo como fim a questão econômica, lucrativa, aliada aos mecanismos do mercado.

Em contraponto, nesta mesma fase, as *políticas culturais* anunciavam a necessidade das próprias pessoas participarem da criação das suas atividades culturais, fazendo assim um contato íntimo com seu imaginário, elemento este fundamental para a imersão em si mesmo. Este procedimento era visto como lazer, antes de ser apropriado pelo mercado. Teixeira Coelho (2012) ainda nos indica que as práticas culturais, sendo atividades de produção e recepção culturais, atendidas pelas políticas culturais, acercam as maneiras mais simples de lazer, pois abarcam a recepção (espetáculos musicais em parques, atividades ao ar livre) e a produção audiovisual que atrai sobremaneira o grande público.

A citação de Teixeira Coelho (2010) nos chama a atenção para um fenômeno contemporâneo, o retorno de um conservadorismo, de um fundamentalismo que não dialoga com a cultura e tão pouco com o lazer, um retrocesso de nossa sociedade:

(...) a questão da ocupação do tempo livre torna-se crucial, bem como nodal será o debate lazer versus cultura – mais ainda para aqueles que, imbuídos dos valores racionalistas propostos pela modernidade, revistos pela pós-modernidade, receiam a proliferação, no século XXI, não apenas ou não tanto da mentalidade religiosa quanto do espírito religioso dogmático-fundamentalista, antítese completa da cultura e do lazer... (TEIXEIRA COELHO, 2010, p. 251)

Outra observação ainda é a diminuição da carga horária de trabalho, que resulta em mais tempo livre e/ou tempo disponível, agora de trinta e cinco horas semanais, característica possível de realização na Europa; diferentes formas de labor associadas à cibernética e às novas práticas de lazer, como, por exemplo, o lazer virtual, elevam a atenção da indústria cultural (Teixeira Coelho, 2010).

Dessa forma percebe-se então a importância de políticas públicas que promovam o debate, principalmente envolvendo gestores e cidadãos em projetos que evidenciem questões sociais para melhoria de suas comunidades.

### **A urbe como cenário – Programa Esporte e Lazer na Cidade e Programa Paulista Aberta aos Domingos (Rua Aberta)**

O PELC – Programa Esporte e Lazer na Cidade – foi criado em 2003 pelo Ministério do Esporte e sob a gestão da Secretaria Nacional de Esporte, Educação e Inclusão Social. Este programa representa um marco no que se refere às políticas públicas de esporte e lazer no âmbito local, valorizando questões sociais e o respeito aos modos de vida das comunidades envolvidas. Os beneficiários do PELC, assim como o crescente aumento de recursos indicam uma nova perspectiva e entendimento das políticas públicas que dão diretrizes às demandas de esporte e lazer.

A estrutura do PELC visa práticas de desenvolvimento físico-esportivo e atividades de cultura e lazer. É prevista a participação de pessoas das mais diversas faixas etárias, contemplando também as pessoas com deficiência. O programa incentiva a vivência mútua em sociedade, apoia pesquisas para geração do conhecimento e estímulo à formação de gestores e lideranças comunitárias. Desta maneira traz ao diálogo os atores sociais, que levarão ao debate a relevância do esporte e do lazer como direito dos cidadãos e de como estes elementos precisam estar presentes nas políticas públicas.

O Programa Esporte e Lazer da Cidade – PELC – tem como objetivo geral a democratização do lazer e do esporte recreativo. Como objetivos específicos, oferece parâmetros, com ações voltadas aos seus diversos públicos, respeitando as diferentes faixas etárias, gênero, raça, etnia,

orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, em seus núcleos de lazer e esporte recreativo.

Ainda como objetivos específicos do PELC, podemos citar o estímulo à gestão participativa entre os atores locais direta e indiretamente envolvidos, a implementação de metodologia participativa e democrática para o desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais de lazer e esporte recreativo, a promoção à formação inicial e estímulo à formação continuada dos agentes sociais e gestores municipais desta área.

Também podemos indicar como objetivos específicos do PELC a valorização e o fortalecimento da cultura local na apropriação do direito ao lazer e ao esporte recreativo, a promoção da ressignificação e a qualificação de espaços e equipamentos públicos de lazer e esporte recreativo, a democratização do acesso ao lazer e esporte recreativo, privilegiando as comunidades menos favorecidas.

As ações educativas são elementos fundamentais do PELC, são elas que viabilizam o programa no sentido da autonomia e desenvolvimento humano e comunitário. O respeito à diversidade, seja ela cultural, étnica ou religiosa, é uma diretriz que permeia todo o processo pedagógico. O respeito se concretiza à medida que os espaços direcionados às atividades dão sentido às ações com resgate cultural, valorizando as origens de cada espaço, sua gente e o fortalecimento das diferenças, inclusive as de caráter intergeracional. Vale ressaltar que a diversificação de abordagens, assim como de atividades tendem a atender e promover a participação de públicos distintos, inclusive das pessoas com deficiência e suas especificidades.

Se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, todo o esforço para a sua democratização não pode depender unicamente da construção de equipamentos específicos. Estes são importantes e sua proliferação é uma necessidade que deve ser atendida, mas há de se destacar os usos para lazer de locais não específicos, como as ruas. (MARCELLINO, 2006 *apud* MARCELLINO, 2007, p. 10).

A crescente preocupação da apropriação dos espaços da cidade e a valorização da rua como espaço de lazer é uma questão que vem sendo

discutida em São Paulo, devido ao potencial participativo da população nestes locais. Desta forma, originaram-se projetos específicos para ampliação de lazer nas ruas, um exemplo é o Programa Rua Aberta.

Nabil Bonduki, vereador de São Paulo, relata que a Avenida Paulista aberta aos domingos à população reflete a importância de promover o lazer por meio da ocupação das ruas. E que, além da Avenida Paulista, novas vias podem ser abertas para as pessoas em um futuro próximo. O objetivo é ampliar o direito ao lazer e à apropriação do espaço público, estimulando as atividades econômicas e culturais locais. (CIDADE ABERTA, 2016, p.5)

O Programa Rua Aberta é promovido pelas secretarias municipais de Coordenação das Subprefeituras, Transportes, Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo, Cultura, Segurança Urbana e Esportes. Além disso, participam a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) e a Agência São Paulo de Desenvolvimento.<sup>6</sup>

Com o propósito da promoção de lazer e o convívio nos espaços públicos da cidade, as ruas e avenidas escolhidas têm extensão de um a três quilômetros e devem ser exclusivas para pessoas aos domingos e feriados, das 10h às 17h.<sup>7</sup>

O argumento do projeto Ruas de Lazer consistia em eventos aproveitando o espaço de uma rua para realização de atividades recreativas, nelas o trânsito era fechado aos veículos para que as pessoas transitassem livremente pela rua. Este projeto de 1976 foi implantado na cidade e é reconhecido como precursor dentro desta temática. (DA COSTA; SAMPAIO, 2015, p. 5). Podemos pensar que o Ruas Abertas hoje é uma releitura do Ruas de Lazer.

A Avenida Paulista vai além do cartão postal da nossa cidade, é uma importante via de acesso tanto para a região central quanto para a zona sul de São Paulo. É cenário de grandiosas manifestações de cunho político, momentos estes onde o espaço é fechado temporariamente e dedicado aos diversos discursos como prevê nossa democracia. Este ponto é relevante

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://movimentoconviva.com.br/moradores-de-sp-participam-de-decisoes-do-programa-rua-aberta/>>. Acesso em: 30 de julho de 2016

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://movimentoconviva.com.br/moradores-de-sp-participam-de-decisoeses-do-programa-rua-aberta/>>. Acesso em: 30 de julho de 2016

ressaltar, pois para os cidadãos paulistanos a Avenida Paulista fechada em momentos específicos já é uma prática, nestes momentos trajetos alternativos são utilizados, não causando nenhum dano à população.

Sendo a primeira grande via de acesso da cidade destinada à fruição do Lazer e ao bom convívio, a Avenida Paulista aquece a discussão sobre a abertura de mais vias de acesso, com o intuito da promoção de atividades de lazer. A Prefeitura pretende ampliar a iniciativa para outros bairros da cidade, garantindo ruas de lazer em todas as regiões do município.

Em ambos os projetos sociais voltados para a dinâmica do lazer, a cidade está inserida como componente importante. Ela é apresentada como elemento imprescindível às dinâmicas sociais. Para entendermos estes dinamismos nos reportamos à Antropologia Urbana para associarmos mais entendimentos sobre a urbe.

Magnani (1984) e sua obra *Festa no pedaço* é um convite ao melhor entendimento do processo urbano, sobretudo nas periferias. Os termos criados e defendidos por Magnani são contribuições à Antropologia Urbana, 'pedaço', 'mancha' e 'trajeto', são abordados de forma minuciosa e nos apresenta à compreensão da nossa metrópole paulistana.

A citação acima se refere à Avenida Paulista. Local altamente simbólico na nossa cidade, que nos sugere a pensá-lo como um espaço paradigmático do lazer:

A construção dos trajetos não é aleatória nem ilimitada em suas possibilidades de combinação. Estamos diante de uma lógica ditada por sistemas de compatibilidades. No exemplo: Livraria Belas Artes/Cine Belas Artes/Bar e Restaurante Riviera – que mostra uma combinação não apenas possível, mas bastante frequente, não entra na sequência (significado desse bar e do trajeto em que se inscreve: com características de bar “yuppie”, apresenta um tipo de paquera com abordagens nem como alternativa), o bar Metrópolis, apesar de estar situado na mesma mancha. Outra é a gramática que permite compreender o que explicita e o que distancia do bar Riviera, por exemplo. E no caso daquele outro trajeto, recortado no Bexiga, não entra, por certo, o teatro de sexo explícito Márcia Ferro, logo ali e ao mesmo tempo tão distante, ao menos do ponto de vista de determinado padrão de lazer. (MAGNANI, pg. 75, 2008)

Atualmente a Avenida Paulista reúne diversos grupos e a movimentação de pessoas para encontros na Avenida Paulista aos domingos nos faz pensar nas possibilidades de variação de comportamento e como fica a questão da

apropriação destas mesmas pessoas por nossa metrópole. A apropriação da cidade é uma temática contemporânea, pensar nos desdobramentos ocasionados pela liberação de um espaço como a Avenida Paulista para o Lazer nos traz indagações, as quais farão parte do desenvolvimento deste estudo e resultados apresentados em capítulos posteriores.

É nessa região que, as opções de lazer e os equipamentos concentram-se e compõem uma mancha, em que são encontrados cinemas, livrarias, restaurantes, cafés, bares, botecos, lanchonetes, casas de jogos e espaços culturais. (MAGNANI, p. 74, 2008).

Na citação acima, Magnani (2008) trata exatamente da Avenida Paulista. O termo *mancha* nos é apresentado para designar um espaço que concentra locais de naturezas comuns para a fruição do lazer e, mais ainda, um espaço legitimado pelos grupos que os frequentam. Uma característica marcante da *mancha* é que ela se situa num local da cidade com oferta de serviços diversificados, o que provoca a complexidade das relações, seja pelos serviços oferecidos, com a própria estrutura da urbe, edifícios, o asfalto, as sinalizações, a comunicação visual, elementos que compõem este ambiente e que viabilizam o número cada vez mais crescente de seus frequentadores.

(...) o lazer se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassando por relações de hegemonia. (...) o lazer é tanto uma expressão da modernização das sociedades, como manifestação contraditória da lógica capitalista. Se por um lado, pode contribuir para reforçar a dominação, por outro pode colaborar para a transformação das práticas e valores hegemônicos e, nesse sentido, se revelar como um poderoso *saber-instrumento*, capaz de promover uma reflexão crítica da situação concreta dos indivíduos e coletividades envolvidos na experiência, de modo que estes possam se fortalecer e se organizar para construir uma outra história. Nesse sentido, acredito também, que o lazer pode ser, então, um “tempo e espaço para o exercício da cidadania e prática de liberdade”. (MARCASSA, pg. 194, 2002).

A citação acima de Marcassa (2002) corrobora no sentido de apresentar o lazer de forma ampla e associando-o a um fenômeno presente e contemporâneo; perpassando situações de trabalho, aprendizagem, cidadania,

no individual e coletivo, em momentos de dominação e também em momentos em que podemos questioná-la e tentar mudar a história. Justamente nestes momentos, nesta perspectiva, que o lazer conversa com a cidade.

A proposta deste primeiro capítulo intitulado “A reinvenção do lazer”, foi uma reconstrução do conceito de lazer através de pesquisa bibliográfica de autores e pesquisadores da área, apresentar a conceituação deste objeto, suas interfaces com a cultura e as políticas públicas. Através de documentos oficiais (Diretrizes do PELC – Ministério do Esporte e Diário Oficial da União) e na apresentação do Programa Paulista Aberta, verificamos a existência das políticas públicas do Lazer e suas inter-relações. Como elemento importante para a sociedade contemporânea, o lazer necessita ser reinventado, assim como as dinâmicas sociais, aproximando-se da cultura, de tal forma que corroborasse ao seu melhor entendimento e apresentá-lo também como possibilidade de cuidado de si e apropriação de espaços, dentre eles a nossa cidade.



## CAPÍTULO II – IDENTIDADE E LAZER

Sabemos que a disciplina dos Estudos Culturais<sup>8</sup> teve desdobramentos em várias partes do mundo: na Europa, nos Estados Unidos, na Austrália e também na América Latina. Neste estudo daremos ênfase a dois autores considerados importantes referências: Stuart Hall, autor jamaicano, que participou da diáspora caribenha ao Reino Unido e que se transformou em uma referência dos estudos culturais britânicos e, de forma mais abrangente, apresentaremos a contribuição de Néstor García Canclini, autor de origem argentina e que se fixou no México, traçando várias pesquisas de maneira a demonstrar que a América Latina tem suas especificidades e que mantém características diferentes às europeias, contudo, os Estudos Culturais podem ajudar a interpretá-las.

Também neste segundo capítulo analisaremos dois programas sociais: o PELC (Programa Esporte e Lazer na Cidade) e Programa Ruas Abertas do município de São Paulo. O objetivo é a verificação de como esses dois programas voltados ao lazer, um de âmbito nacional e outro de âmbito local (município de São Paulo), abordamos os conceitos tanto voltados ao lazer quanto à identidade.

### **Identidade**

A questão da constituição da identidade emergiu na modernidade, pois com a concepção de sujeito, a identidade passa a não ser algo fixo, mas sim passível de reformulações, como nos explica Hall (1996). O sujeito e seu relacionamento com o mundo em seus múltiplos cenários, seja profissional, familiar ou social, bem como a forma de se colocar no espaço público as formas de autor reconhecimento desse sujeito e suas possíveis remodelações,

---

<sup>8</sup> Neste segundo capítulo intitulado *Identidade e Lazer – um diálogo possível*, nomeamos os Estudos Culturais para fundamentar nossa pesquisa, sendo esta disciplina oriunda do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), localizado na Universidade de Birmingham, Inglaterra, que final dos anos 1950 começaram suas pesquisas nesta área. Esta disciplina (Estudos Culturais), ao longo dos anos foi incorporando mudança de foco em suas abordagens, ora trafegando em questões relativas aos movimentos sociais, perpassando pelo fenômeno da Globalização, dentro da narrativa do global e local, como forma de explicar a contemporaneidade, chegando então à problemática identitária.

ocasionadas por deslocamentos em sua vida social e de sua própria visão de si, Tornaram-se objeto e conseqüente argumento de investigações.

As indagações em entorno da questão identitária proporcionam impermanência nos modos de vida, problemática esta investigada pelos Estudos Culturais e, conseqüentemente, a identidade torna-se assunto real e imediato, pois se inter-relaciona com aspectos culturais.

A identidade pode ser vista como elemento que 'costura o tecido social'. Larrain (1993) propõe que a identidade apresenta variações entre duas vertentes: a do essencialismo e a da construção social. A vertente do essencialismo, segundo Larrain, tem como característica a existência de grupos, já a vertente que ele denomina como construção social, observa a presença de um produto social, em outros termos, Larrain volta à questão das teorias racionalistas ou universalistas, que vão de encontro às historicistas:

As primeiras sublinham a identidade de metas e semelhança de meios no curso da história, as segundas acentuam as diferenças culturais e descontinuidades históricas. As primeiras não entendem as diferenças e julgam o 'outro' a partir de uma perspectiva totalizante e universalista; olham a história como uma série de etapas que todos têm que percorrer. As segundas destacam as diferenças e descontinuidades e olham o 'outro' a partir da perspectiva da sua especificidade cultural única; não entendem a base comum de humanidade entre culturas. (LARRAIN, 1993, p. 13).

Segundo o autor acima citado, as teorias tanto racionalista ou universalista quanto as historicistas são extremistas, pois podem constituir formas de racismo. Isso se explica, pois na teoria universalista o 'outro' não é aceito, porque o outro não é reconhecido e sua diferença não é aceita, já a teoria historicista recusa o outro considerando-o tão diferente, podendo até reconhecê-lo como ser inferior.(LARRAIN, 1996, p.57).

Antes mesmo de responder à questão inicial deste capítulo, referente à constituição das identidades, é pertinente o comunicado, a informação que evidencia a instabilidade presente em nossa era e também do interesse da nossa contemporaneidade em entender a problemática da (re)construção das identidades.

Um componente emblemático da contemporaneidade é a Globalização, que tem muitas definições, mas neste estudo nos voltaremos à observação de Guiddens (1994)\*, que nos convida a perceber o advento dos meios de comunicação global e instantânea (Internet), que modificou sobremaneira nossas relações e modos de vida. A manifestação da cibernética também é evidenciada por Canclini (2008), e suas imbricações na constituição identitária, este autor abordaremos mais adiante, pois é um grande expoente dos Estudos Culturais na América Latina.

### **Identidade em Hall**

Segundo Hall (1996), as migrações constituem-se na forma clássica, a vivência, a prática pós-moderna da formação identitária cultural. Com base nesta afirmação Hall discorre uma obra que correlaciona a memória e a exaltação da diferença. A própria vida de Hall contempla este tratado, pois ele fez parte da diáspora caribenha ao Reino Unido durante os anos 1950:

Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra a partir de dentro. Mas eu não sou e nunca serei 'inglês'. Eu conheço ambos os lugares [Jamaica e Inglaterra] intimamente, mas eu não sou completamente de nenhum desses lugares. E isso é exatamente a experiência diaspórica, distante o suficiente para experienciar o sentimento do exílio e perda, próximo o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada. (HALL, 1996, p.490)

Independentemente de sua interpretação pessoal, Hall (1996) evidencia que a identidade é “uma busca permanente”, ela é transitória, um elemento em construção. Sempre se remete a instrumentos ligados à história dos indivíduos, ligado ao passado e ao presente, desta maneira, não pode ser algo determinado, é mutante, passível de modificação, envolve-se na metáfora do movimento

Hall nos elucida sobre a questão identitária e, seu desenvolvimento inserido em um contexto de novos posicionamentos de sujeitos em uma 'cultura global':

Eu penso que a identidade cultural não está fixa, é sempre híbrida. Mas é precisamente porque surge de formações históricas muito específicas, de histórias específicas, de repertórios culturais de enunciação, que pode constituir-se em

um 'posicionamento' ['posicionality'] que nós chamamos, provisoriamente, identidade. [...] Então, cada um desses relatos de identidade está inscrito nas posições que assumimos e com que nos identificamos, e temos de viver esse conjunto de posições de identidade em toda sua especificidade. (HALL, 1996, p. 502)

Nesta explanação, vale ressaltar que Hall parte de um momento histórico situado. Trata-se da perspectiva de um pesquisador que morou na Europa, mais exatamente no Reino Unido, especificadamente na Inglaterra, local mundialmente conhecido e que atuou fortemente como líder mundial.

Nos dias atuais este país não tem mais posição de liderança, devido ao seu enfraquecimento político e econômico. Hall ainda desenvolve esta perspectiva analisando a realidade britânica, colocando os ingleses como mais um grupo étnico dentre os muitos existentes. Hall (1991), ainda soma à sua análise a abertura econômica, a qual emergiu a partir dos anos 1970, grandes movimentos de migração, principalmente após a segunda guerra mundial.

Acordos monetários internacionais e regionais, estes dirigidos por entidades que se sobressaíam aos poderes atribuídos aos Estados-nação e o enfraquecimento econômico-financeiro do Reino Unido e a globalização fez mudar a concepção antes dada a identidade cultural nacional, que até então estava atrelada ao Estado Nação, tendo assim a ideia de identidade nacional. Esses elementos outrora citados, todos misturados, provoca a discussão da temática identidade.

Avante a globalização e do esvaecimento da noção de Estado-nação, podemos pensar também no declínio de culturas regionais e locais, porém, o que observamos é o contrário.

A última fase da globalização capitalista com suas impetuosas compressões e reordenamentos sobre o tempo e o espaço não resultou necessariamente na destruição daquelas estruturas específicas, conexões e identificações particularistas que estão ligadas às comunidades mais localizadas cuja modernidade homogeneizante supôs substituir. [...] Mas, a assim chamada 'lógica do capital' tem operado muito mais através da diferença – preservando e transformando a diferença [...] – do que a minando. (HALL, 1993b, p. 353)

Hall (1993) evidencia que de maneira contraditória a Globalização proporcionou a consolidação de identidades locais e curiosamente nos alerta que inseridas em um contexto regional, tais identidades não alheias ao fenômeno da globalização, envolvidas também com entidades transnacionais, não emergiram simplesmente em suas formas originais e sim ressurgiram com suas peculiaridades redefinidas, remodeladas e igualmente fortalecidas.

Este mesmo autor faz menção à definição de Estado-nação como “comunidade imaginada”, que perfaz e retoma movimentos de ordem nacionalista. Hall (1993) nos chama à atenção para um poder simbólico, oriundo da ideia de Estado-nação que na investida da concepção de formações “puras”, faz referência à abordagem essencialista de identidade nacional.

O trecho de Hall (1993) a seguir nos esclarece que por mais que o poder simbólico existente na concepção de Estado-nação tenha sua ação presente nas sociedades contemporâneas, os membros pertencentes destas mesmas sociedades fazem parte de muitas “comunidades imaginadas”, todas sobrepostas, formando assim sociedades híbridas, misturando assim o global e o regional:

Mas a história dos estados nacionais do Ocidente nunca foi desse tipo etnicamente puro. [...] eles são, sem exceção, etnicamente híbridos – o produto de conquistas, absorções de um povo por outro. A principal função das culturas nacionais, que [...] são sistemas de representação, tem sido representar o que é, de fato, uma amálgama étnica da nacionalidade moderna como a unidade primordial de ‘um povo’ [...] Além do mais, esse hibridismo do Estado-nação moderno está hoje, na presente fase de globalização, sendo composto por uma das maiores, compulsórias e voluntárias, migrações de massa dos últimos tempos. Portanto, um após o outro, os estados nacionais ocidentais, já incontestavelmente diaspORIZADOS [diaspora-ized], estão tornando-se inextricavelmente ‘multiculturais’ – étnica, religiosa, cultural, lingüisticamente, etc misturados. (HALL, 1993b, p. 356)

Um outro item abordado por Stuart Hall é a cultura de massa global e seu funcionamento. Hall (1991) afirma que a imagem é componente fundamental na cultura de massa global, componente este que rompe barreiras linguísticas rapidamente, concatenada com o idioma inglês (norte-americano). As imagens estão associadas à publicidade, ao cinema e televisão, uma forma

de representação cultural que se sedimenta no visual, uma forma norte-americana de 'enxergar' e descrever o mundo.

Nesta análise sobre a cultura de massa global e o formato norte-americano da narrativa do mundo Ocidental, Stuart Hall se aproxima de outro autor, o latino-americano Nestor Garcia Canclini. Estes dois autores, ao indagar sobre as realidades norte-americanas e as de países da América Latina, trazem à tona especificidades no tocante aos movimentos particulares de negociação de sentido. As especificidades regionais latino-americanas, não são necessariamente mergulhadas no culto único e exclusivo da imagem; trazem marcas identitárias locais próprias, com suas respectivas releituras, com rastro na diferença.

E a questão de conviver com a diferença em nossa contemporaneidade?

Hall (1996) elabora dois argumentos indispensáveis para a questão acima: a vontade, a feição, o entusiasmo de conviver com a diferença e a etnicidade. A disposição de conviver com a diferença nos convoca a pensar a diversidade, no sentido de nos voltarmos a conhecer as várias formas de ser. Já a etnicidade nos convida a situarmos na história, reconhecer nosso momento histórico. Nesta perspectiva, tanto a convivência com a diferença quanto a etnicidade nos proporcionam elementos para o desenvolvimento de nossa subjetividade, reconhecermos nossa identidade e nos aproximarmos de quem somos.

Sobre as elaborações de Hall acerca da identidade:

Em primeiro lugar, identidade é um espaço onde um conjunto de novos discursos teóricos se interseccionam e onde um novo grupo de práticas culturais emerge. Trata-se de uma categoria política e culturalmente construída em que a diferença e a etnicidade são seus elementos constituintes; a experiência da diáspora se transforma em emblema do presente; a hibridação deixa sua marca e a fluidez da identidade torna-se ainda mais complexa pelo entrelaçamento de outras categorias socialmente construídas, além das de classe, raça, nação e gênero. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 156)

A contribuição de Escosteguy (2010), autora brasileira, pesquisadora da disciplina Estudos Culturais, nos apoia no entendimento de Stuart Hall, quando o mesmo menciona que as categorias classe, raça, nação e gênero,

associadas ao discurso Ocidental, transformam-se nas “grandes identidades coletivas sociais”. Segundo Hall (1993) as grandes identidades não foram extintas, porém não exercem mais a mesma força.

A seguir Hall apresenta uma compreensão de identidade em articulação com o passado e presente de forma constante:

São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do Outro. “[...] identidade é sempre em parte uma narrativa, sempre em parte um tipo de representação. Está sempre dentro da representação. Identidade não é algo que é formado fora e, no final, nós narramos histórias sobre ela. É o que está narrado na nossa própria pessoa (Hall, 1991, p. 49).

Em virtude disso ela está em contínua transformação e construção, em ininterruptos cruzamentos entre os discursos da esfera pública ora vivências individuais dos sujeitos, entrelaçados em um momento histórico determinado. Nesta percepção a identidade:

Pertence ao futuro tanto quanto ao passado. Não é algo que já existe, transcendendo lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, elas sofrem uma transformação constante. Longe de estarem eternamente fixas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo ‘jogo’ da história, da cultura e do poder. Longe de estarem fundadas numa mera ‘reprodução’ do passado que está esperando ser encontrado e que, quando encontrado, assegurará nosso sentido de nós mesmos até a eternidade, as identidades são os nomes que damos às diferentes maneiras como estamos situados pelas narrativas do passado e como nós mesmos nos situamos dentro delas. (HALL, 1990, p. 225)

Conforme citação acima, Hall ainda atribui significativo valor às identidades diaspóricas, que com o fenômeno da migração, sofre mutações consideráveis. Nenhum indivíduo no movimento migratório deixa seus saberes de lado, ele os carrega consigo e agrega novos saberes no transcorrer de sua jornada. A experiência da diáspora conduz e afeta a identidade; mostra a característica da hibridez – manifestada no termo cunhado por Hall *cut and mix* – tão memorável e importante na constituição identitária.

## Identidade em Canclini

“Hibridismo cultural”, termo utilizado por Canclini, é uma forma de explicar a identidade. Esse hibridismo é a mistura complexa existente na América Latina, misto de tradições e modernidades, tão diferentes entre si e que convivem na modernidade tardia. Nestór García Canclini também enaltece a problemática da cultura visual e os elementos que considera relevantes para sua pesquisa são os monumentos e em especial o grafite, que devido a sua natureza já é por si só um ingrediente cultural híbrido.

Outro item preponderante é a urbanização da América Latina e os meios de comunicação de massa que se inter-relacionam com os diversos espaços urbanos. Canclini (1988) defende que a identidade latina é expressa por uma forte cultura visual, representações imagéticas (diversas expressões artísticas como o design, arquitetura, arte de rua, etc.), que fazem parte da ordenação simbólica da sociedade latina. Um ponto crucial destas indicações de Canclini é a inviabilidade da separação das expressões ditas cultas e populares. Segundo este autor, a América Latina desenvolveu-se de maneira diferente ao modo Europeu, em que a identificação entre culto e popular estabeleceu-se durante longo período. As imbricações existentes no universo latino propiciam a hibridação e seu respectivo sistema simbólico.

Houve na América Latina duas vertentes para explicar a atuação das duas correntes artísticas, a do campo artístico, legitimado pela sua originalidade e as manifestações populares, que tinham que ser autênticas e voltadas às tradições. Todavia, há transformações na percepção das manifestações culturais no contexto latino-americano:

A partir de meados do século XIX, as artes começam a desprender-se desse jugo, no entanto, esse processo não foi acompanhado pela estruturação de um forte mercado cultural. Longe de poder constituírem projetos criativos individuais, os artistas foram empregados para construir a iconografia das gestões de liberação e organização nacional. Dessa forma, é somente a partir da primeira metade do século XX, com o desenvolvimento industrial, urbanização e crescente poder econômico das classes médias e altas, que se constitui um público comprador de arte, sendo somente nos anos 50/60 que o processo de autonomização da arte culta começa a deslanchar. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 178)



Contribuindo com a citação acima, no período posterior à segunda metade do século XX, as tradições populares tornaram-se liquidadas porque ficaram inseridas em um contexto político envolto ao populismo, que pregava um formato estético voltado ao culto, além de ser alvo da manipulação da Indústria Cultural.(Escosteguy, 2010, p.178).

Canclini nos ajuda a pensar nas manifestações culturais na contemporaneidade, trazendo a ideia de patrimônio e a concepção de uma identidade conjunta, unindo classes hegemônicas (dominantes) e classes populares da seguinte forma:

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. [...] A perenidade desses bens faz imaginar que seu valor é inquestionável e os torna fonte do consenso coletivo, desconsiderando divisões entre classes, etnias e grupos que fraturam a sociedade e diferenciam os modos de apropriar-se do patrimônio. (GARCÍA CANCLINI, 1989a, p. 150)

O aporte de Canclini nos auxilia nos que diz respeito à complexidade latina no seu arranjo cultural em que o ponto chave é como se nomeia o que é culto e o que é popular. E dentro desta complexidade o termo “hibridação” faz todo o sentido para a realidade latino-americana. Assim como Stuart Hall que tem apontamentos balizados pela sua própria vivência, Canclini(1992) também explica o fenômeno da hibridação por meio de sua experiência pessoal:

Eu diria que das duas origens. A Argentina é um país constitutivamente multiétnico, embora às vezes esqueça esse fato; foi formado modernamente por muitas migrações européias e, também, mediante um processo de arrasamento e encurralamento da sua população indígena originária. Grande parte das manifestações culturais que habitualmente se consideram distintivas da Argentina, como o tango ou o sainete, são interculturais, são muito híbridas. Não é possível falar da Argentina como uma sociedade homogênea, senão como uma sociedade de alta heterogeneidade regional, de classe, de grupos étnicos, etc [...] O México, que também é um país constitutivamente multiétnico, tem um perfil distinto. Em primeiro lugar, pela importante presença indígena e por todos os processos de hibridação que ocorreram durante a colônia,

que teve uma presença muito mais vigorosa no que se chamou a Nova Espanha do que nesse distante Vice-Reinado do Sul ao qual pertenceu a Argentina. Minhas experiências no México, através do trabalho de campo em zonas rurais e indígenas e nos fenômenos urbanos, mostraram-me uma constante confrontação com processos de hibridação de um tipo diferente do argentino. Além disso, sem dúvida, está o fato de eu mesmo ser um imigrante e, portanto, um participante fraturado por estas duas experiências. A expressão argenmex, com a qual designam os argentinos que vivem há muito tempo no México, é claramente representativa desta mescla. (CANCLINI entrevistado por MONTOYA, 1992, p. 12)

Assim como Stuart Hall, Néstor García Canclini é um ser híbrido. Este último, argentino de nascimento e há anos vivendo no México, ora retrata sua a si como um expatriado, ora como cidadão argentino e com esta mesma característica mantém relação com o México; assim suas percepções de mundo se ampliam. O próprio Hall diz que este tipo de relação pode ser ilustrada utilizando a metáfora da ponte. Esta ponte une mundos distintos, compondo sua identidade cultural em meio à vivência da diáspora.

A postura de Canclini com relação à análise das práticas culturais contemporâneas é equilibrada, pois aceita tanto a posição moderna quanto à pós-moderna e elege uma atitude que trafega entre estes dois discursos. Somados ao entendimento da aparição de novas formas de subjetividade, subjetividade esta questionadora da nossa sociedade, com a presença de atores sociais que permeiam os movimentos sócio-culturais, Escoteguy (2010), dentro desse contexto:

Alguns de nós entendem que a queda dos grandes relatos totalizadores não elimina a busca crítica do sentido – ou melhor, dos sentidos – na articulação das tradições e da modernidade. E que a renovação do tratamento desta questão deve partir do reconhecimento da pluralidade semântica que se dá não somente na arte culta e no popular, mas nos seus entrecruzamentos inevitáveis e na sua interação com a simbólica massiva. (CANCLINI, 1988b, p. 56)

Adicionando à compreensão de Canclini a combinação de elementos, inclusive contemplando a diversidade de sentidos no entendimento da sociedade contemporânea, observamos convergências, sobretudo no que diz respeito à instauração de um processo de consumo cultural, não mais pautado

pelo Estado, mas em direção ao mercado que agora detém o poder de estruturar e constituir identidades, Escosteguy (2010).

Em *Consumidores e Cidadãos*, livro de Canclini de 1995, somos chamados à reflexão em torno das temáticas: consumo, identidade cultural e cidadania. Uma provocação deste autor é justamente o entendimento de como o consumo foi mudando e com isso o reflexo do exercício da cidadania, e como esses fatores cooperam na elaboração da identidade.

Dois pontos são essenciais na análise de Canclini, inseridos neste livro: no âmbito cultural, um olhar diferenciado para o consumo e, no contexto político, a noção de cidadania proeminente:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que das regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 1995b, p. 13)

Compreende-se assim que para Canclini existe um elo forte entre os exercícios da cidadania, da política e do consumo. Com efeito, o autor também atribui responsabilidade aos meios de comunicação de massa no que diz respeito ao aparecimento de pessoas na esfera pública com novas práticas culturais e de consumo, elucidado no trecho:

Devemos nos perguntar se ao consumir não estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadãos. Se a resposta for positiva, será preciso aceitar que o espaço público transborda a esfera das interações políticas clássicas. (CANCLINI, 1995b, p. 31).

Amplia-se deste modo o pensamento sobre o fato de o consumo não estar meramente nas mãos do mercado, mas inserido em uma rede de interações sócio-culturais complexas. “Vincular o consumo com a cidadania requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse do público. Assim o

consumo se mostrará como um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e atuar significativa e renovadoramente, na vida social” (CANCLINI, 1995b, p. 68).

Os conceitos vão se modificando conforme se concretiza a história e com ela as redefinições vão se estabelecendo. Canclini (1995) debruça-se sobre o conceito de *consumidor-cidadão*, confere à atualidade uma impossibilidade de seguir trabalhando com o termo *popular*, porque ele já não seria capaz de abarcar as imbricações culturais contemporâneas. Outro termo desatualizado é *sociedade civil*, que tentava anunciar diferentes grupos com discursos distintos entre si, e que para ele também se tornou inviável, uma vez que distanciava ao invés de unir pessoas.

A contribuição de Canclini sobre o conceito de *consumidor-cidadão* acerca da explicação de quem são os latino-americanos. Isso porque neste conceito carrega-se a concepção daquilo que se possui e que se pode possuir, uma questão contemporânea e que define a identidade, contrária à questão ligada à identidade nacional, que no passado se atrelava às relações de território.

No que diz respeito à América Latina, o rádio e a televisão tiveram papel importante no arranjo identitário e na noção de cidadania. No Brasil, por exemplo, a televisão teve papel mais expressivo que o rádio. Os meios de comunicação consolidaram parâmetros de consumo que causam nas pessoas a sensação de nacionalidade.

Uma questão emergente é como se constituem as identidades em meio ao hibridismo cultural? Essa resposta requer atenção no sentido de pensarmos que não existem apenas na contemporaneidade culturas diversas, mas formas diferentes com que as pessoas se apropriam de elementos nas comunidades/sociedades que vivenciam, modificando-os.

Para Canclini, a questão identitária é uma narrativa que se elabora constantemente e não simplesmente é algo dado, não é permanente, pode ser transformado. Neste processo de construção identitária, os atores sociais vivem em meio às várias relações de poder, a identidade nasce e renasce inserida em conflitos, coexistindo no reconhecimento de etnias, gêneros, gerações, em contínuo exercício de representação e ação.

Canclini (1995) explicita que a negociação no contexto latino-americano é elemento fundamental para o andamento de instituições e cenários socioculturais:

Está instalada na subjetividade coletiva, na cultura cotidiana e política mais inconsciente. Seu caráter híbrido, que na América Latina vem da história de mestiçagens e sincretismos, acentua-se nas sociedades contemporâneas pelas complexas interações entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico. (CANCLINI, 1995b, p. 238).

Complementando a ideia de negociação na América Latina, retomamos o elemento cidadania, para o autor:

“Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de *pertencimento*, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades” (CANCLINI, 1995b, p. 22).

Neste sentido, Canclini elege a subjetividade como unidade importante na organização de nossa sociedade, mesmo sabendo que ela não compõe reconhecimento jurídico, mas está na pauta contemporânea, pois justamente pode-se associá-la à cidadania, atribuindo-lhes ações de consumo cultural. Para tal, Canclini expõe a necessidade de políticas públicas que contemplem a real participação das pessoas, de maneira democrática, que elas possam exercer decisões de ordem simbólica e política, ordenando assim os respectivos consumos.

Canclini (1995) entende a negociação como um elemento que passou por um processo de crise, visto que sua dissolução foi percebida no espaço público com a ausência da participação popular. Um dos motivos dessa ausência é justamente a indústria cultural ter optado pelas mídiatizações eletrônicas ao invés do relacionamento direto, tão fundamental nas negociações em esfera pública.

Néstor García Canclini nos indica que ainda temos tempo. Nem tudo é simulacro, ainda temos espaço para voltar a negociar. A negociação requer diálogo entre todas as partes que integram a sociedade, com a negociação

temos que reivindicar maior diversidade de bens culturais e o controle desses bens poderá ser feito pelos próprios consumidores, ou seja:

Os conflitos, hoje, não se dão apenas entre classes ou grupos, mas também entre duas tendências culturais: a negociação racional e crítica, de um lado, e o simulacro de um consenso induzido pela mera devoção aos simulacros, do outro. Não é uma opção absoluta, já que sabemos que os simulacros fazem parte das relações de significação em toda cultura. Porém, estabelecer de que maneira iremos negociar o compromisso entre ambas as tendências é decisivo para que na sociedade futura predomine ou a participação democrática ou a mediatização autoritária. (CANCLINI,1995b, p. 243)

A proposta de Canclini é o reconhecimento do espaço público como meio de exercício da cidadania. Para tal é necessário estabelecer o papel do Estado, conjuntamente com a sociedade civil e o mercado nesse reconhecimento. “Nem subordinada ao Estado, nem dissolvida na sociedade civil, a esfera pública reconstitui-se simultaneamente na tensão entre ambos” (1995b, p. 253).

Para a proposta de Canclini ter efeito, é patente que o Estado volte a ter interesse pelo público e que reestabeleça sua responsabilidade em garantir que as informações, inovações e necessidades coletivas estejam acima dos interesses de mercado, não deixando a sociedade refém da indústria cultural. “O desafio é, principalmente, revitalizar o Estado como representante do interesse público, como árbitro ou assegurador das necessidades coletivas de informação, recreação e inovação, garantindo que estas não sejam sempre subordinadas à rentabilidade comercial” (1995b, p. 254).

Aqui é importante elucidar que nossa sociedade atual aponta para um cenário que não dá mais tanta ênfase aos processos produtivos e sim para a relação de consumos simbólicos, que engloba um posicionamento político e sobremaneira um compartilhamento de preferências e formas de ler determinados bens culturais, o que garante o fortalecimento de identidades comuns.

O meio cultural deixa explícito os efeitos da globalização e também da comunicação massiva, que faz difundir os diversos produtos culturais e suas

imagens ao redor do mundo em um emaranhado complexo inseridos na cultura mundial do consumo. Neste contexto não há fronteiras, o global se funde ao local. A cultura desta forma apresenta um caráter ilógico onde forças contrárias agem juntas: o semelhante, o híbrido e a força de resistência.

Escosteguy (2010) nos chama a atenção para o fato de Néstor García Canclini ser uma referência nos chamados *Estudos Culturais Latino-Americanos* e, não erroneamente aos Estudos Culturais na América Latina. Este último termo é associado à percepção de que os conceitos, os entendimentos mudam de lugar, sem uma contextualização local. Escosteguy também aborda a aproximação dos estudos culturais britânicos aos latino-americanos, pois ambos, seja nos anos 1970 seja nos 1980, tiveram a preocupação de demonstrar que as duas vertentes estavam dispostas a apresentar as relações de cultura e poder, inseridos nestes dois contextos e a questão da mudança social.

Os Estudos Culturais preconizaram o diálogo, a congruência entre os estudos que envolviam a cultura e as questões políticas. Nesse sentido, um item imprescindível são as análises identitárias, que compõem investigações acerca desta disciplina. Para tal, acreditamos ser pertinente apresentar um recorte histórico dentro desta disciplina, norteando pesquisas que utilizaram de sua fundamentação.

Nos anos 1980, no continente europeu, as definições sobre a temática modernidade/pós-modernidade deram a tônica às pesquisas desta época, com uma visível transferência de concepções, deixando de lado os amparos marxistas. Na América Latina, essa mesma corrente aconteceu entre as décadas de 1980 e 1990, com desdobramentos mais nítidos na segunda metade dos anos 1990.

Nota-se que durante uma fase dos Estudos Culturais houve uma forte corrente dedicada aos assuntos pertinentes à ideologia e dominação social, desdobrando-se na questão da hegemonia e das relações de resistência, trazendo à tona manifestações populares que concatenam-se aos estudos das novas identidades contemporâneas. Ainda sobre a temática identidade, cabe salientar que houve grande contribuição por parte dos meios de comunicação a

elaboração dessas novas identidades contemporâneas. Tais meios de comunicação passaram a funcionar como mediadores e coadjuvantes no processo de formação identitária.

Sobre o parecer de consumo defendido por Canclini, cabe elaborar uma interpretação, pois nos anos 1970 o olhar para o consumo era apenas como reprodução; mas atualmente o que o autor nos chama atenção é para a nova postura que envolve o ato de consumir, justamente a escolha do que consumir, caracterizando-se como um ato político. O autor traz para o debate aspectos frágeis que envolvem os estudos culturais desde a sua origem em Birmingham, no final dos anos 1950. Esses aspectos estão ligados à necessidade de diálogo entre os estudos culturais e as relações que envolvem cultura e economia, assim como cultura e política.

Escosteguy (2010) elucida a relevante ligação entre o estudo da sociedade, da política e da economia conjuntamente:

Está assentado tanto no projeto dos estudos culturais britânicos quanto nas formulações latino-americanas aqui recuperadas que a cultura deve ser estudada dentro das relações sociais e do sistema que a produz e consome, daí o entrelaçamento entre o estudo da sociedade, da política e da economia. E é exatamente nessa articulação que reside a potencialidade da problemática teórica dos estudos culturais. (ESCOSTEGUY, 2010, p.200)

Complementa-se a isso da urgência do comprometimento dos Estudos Culturais com as políticas culturais efetivamente.

Interligar o discurso teórico, prático e político é uma tarefa contemporânea e resgata uma essência presente na criação desta disciplina, inaugurada em Birmingham, Inglaterra, no final dos anos 1950. A partir da análise das contribuições de Hall e Canclini, pode-se dizer que ambos concordam que a cultura é responsável pela mediação na contemporaneidade, ela assume uma centralidade nos diversos aspectos da vida social.



## **PELC – Programa Esporte e Lazer na Cidade**

O PELC – Programa Esporte e Lazer na Cidade, programa social de âmbito nacional, foi criado em 2003 pelo Ministério do Esporte, mas mantém vínculo com as secretarias de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis), que por sua vez tem associação com os Departamentos de Formulação de Políticas e Estratégias (Defope) e Departamento de Gestão de Programas de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Degep). O PELC, portanto, recebe vários “olhares”, o que nos indica que é um programa de caráter interdisciplinar, dialogando com diferentes setores, todos envolvidos em políticas públicas.

O PELC tem como objetivo promover a importância das atividades físicas, culturais e as de lazer, com propostas intergeracionais, incluindo as pessoas com deficiência, com vistas a um bom convívio social, a formação de gestores comunitários, dando ênfase à cultura local, a disseminação de conhecimento e que os elementos culturais e de lazer possam ser tratados com cunho político e como direito de todos os cidadãos.

O Programa Esporte e Lazer na Cidade no ano de 2016, completou 13 anos de atuação e ainda persegue a meta de não ser apenas um plano de governo e sim se tornar uma Política de Estado. Atualmente o PELC possui dois núcleos, sendo: Núcleos Urbanos (que atuam nas cidades, na zona urbana) e os Núcleos de Povos Tradicionais (voltados aos povos indígenas, quilombolas e populações ribeirinhas).

Atualmente o PELC mantém dois eixos, os quais dão norte à gestão e propiciam que os objetivos do programa aconteçam. São eles: a) implantação e desenvolvimento de núcleos de esporte recreativo e de lazer, nas regiões do país, que promovam a garantia do direito das pessoas de terem acesso às políticas de lazer e esporte, contemplando sua recreação, atividades intergeracionais, incluindo as pessoas com deficiência; b) formação continuada – aos gestores, agentes sociais, lideranças comunitárias, pesquisadores, legisladores e parceiros da esfera pública, para a implementação de políticas de lazer, que visam a inclusão social e cultural.

De acordo com a deliberação orçamentária do Ministério do Esporte, através de edital, ou seja, chamada pública, são preferidos projetos que terão ajuda de recursos nacionais para a viabilização de atividades. As parcerias são realizadas com prefeituras municipais, tendo período estabelecido para sua vigência, assim como período determinado para a organização, implantação, desenvolvimento e avaliação da política local adotada. O valor disponibilizado prevê: contratação de profissionais (agentes sociais, que irão trabalhar nas atividades propostas pelo PELC e também coordenadores), aquisição de materiais e formação continuada das equipes atuantes.

### **Abordagem pedagógica do PELC: as interfaces entre as políticas públicas, universidade e a comunidade**

Em setembro de 2014 foram realizadas em Brasília reuniões em que apresentaram os resultados oriundos de estudos e discussões para a reformulação das capacitações oferecidas aos de agentes sociais e coordenadores do PELC. Este trabalho foi realizado pelo Ministério do Esporte em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, ação que legitima a possibilidade de haver diálogo entre a esfera pública e a universidade.

Um ponto a ser ressaltado é a concepção metodológica utilizada, tomando como pressuposto a Educação Popular, que considera o estudo da realidade, cenário político-social, a organização e a aplicação do conhecimento. A formação ocorre presencialmente e possui: Módulo Introdutório I, Módulo Introdutório II, Módulo de Avaliação I, Módulo de Avaliação II e Formação em Serviço.

O Módulo Introdutório I é elaborado por formadores do PELC e deve ocorrer no final do terceiro mês do momento de organização do convênio e/ou termo de cooperação e este módulo tem carga horária de vinte e quatro horas, acontecendo em três dias. O público-alvo desta capacitação acolhe os agentes sociais e coordenadores. O cerne deste módulo é justamente sondar os perfis dos profissionais selecionados, incluindo um maior número deles, pois é esperado que ao longo do processo algum desistam. Gestores e

representantes da entidade de controle social, deverão participar deste módulo e a participação também se estende às autoridades públicas da cidade contemplada. Um dos critérios de formação é a exigência de 70% de participação da formação aos selecionados inscritos.

Os objetivos do Módulo Introdutório I do PELC visam a reflexão da comunidade local, fazendo com que todos os inscritos passem a conhecer sua região, dificuldades e realidade político-social; a apresentação da história, os princípios, diretrizes e o funcionamento do PELC são previstos neste estágio da capacitação. A apresentação do planejamento pedagógico e sua socialização, juntamente com o termo de aceite do Ministério do Esporte é ponto de partida para a execução do planejamento participativo, com o objetivo da criação do projeto político-pedagógico do convênio PELC; construção de ações com as respectivas cargas horárias e seus públicos; dar a possibilidade do conhecimento aos agentes sociais sobre o esporte, lazer e oportunidades didático-metodológicas para intervenções socioeducativas.

O Módulo Introdutório II ocorre no sexto mês do convênio PELC, também com a duração de vinte e quatro horas dividido em três dias de capacitação. É previsto o aprofundamento dos conceitos, princípios e diretrizes apresentados no módulo introdutório I, o acompanhamento do desenvolvimento das ações contidas no planejamento pedagógico com a devida aprovação do Ministério do Esporte. É esperado o fortalecimento do papel do planejamento participativo que tem como objetivo a criação do projeto político pedagógico do convênio do PELC, dar foco ao protagonismo do agente social como responsável pela transformação social local.

Neste momento em que o amadurecimento do grupo que está sendo capacitado é verificado, é cabível que alguns temas sejam desenvolvidos e, que façam parte da formação: a retomada e aperfeiçoamento dos conceitos de esporte, lazer e políticas públicas; o conceito de animação sociocultural; a importância e práticas corporais diversas e suas aplicações nas atividades com a comunidade; organização de eventos e orientações teórico-metodológicas; formação em serviço.

A Formação em Serviço consiste em momentos de diálogo durante todo o período do convênio, desde reuniões semanais até contratações possíveis,

envolvendo palestrante de área específica, para sanar dúvidas encontradas no cotidiano, no enfrentamento diário com a aplicação das ações da programação do PELC na comunidade beneficiada.

A formação em serviço prevê o aprofundamento de conceitos, sendo levada em consideração a população da comunidade atendida; o planejamento de forma participativa; ênfase no registro das atividades, contendo relato de experiências, relatórios, pesquisas de campo e instrumentos de avaliação. Na formação em serviço algumas temáticas são sugeridas, como por exemplo: minorias sociais, inclusão sociais e acessibilidade, violência, ludicidade, práticas corporais, gestão democrática e planejamento de ações de mobilização comunitária.

Os módulos de avaliação I e II e são realizados durante o processo de desenvolvimento das atividades dos núcleos do PELC, mais exatamente durante o 14º e 22º mês do convênio. São desenvolvidos por formadores do PELC e tem 16 horas cada um, compostos por dois dias de atividades.

Os Módulos de Avaliação do PELC preveem: sínteses das atividades promovidas com relatos de experiências organizados pelos coordenadores e agentes; apresentação da atuação da entidade de controle social e do grupo gestor do convênio; detecção dos pontos favoráveis e desfavoráveis; sistematizar uma proposta (de forma coletiva) para continuação da política pública, de forma que possa se transformar em um instrumento municipal.

Como sugestões de conteúdos a serem desenvolvidos nos Módulos de Avaliação I e II do PELC, são contemplados a avaliação processual, o funcionamento dos Núcleos e os desdobramentos identificados, políticas públicas e sociais de lazer e suas respectivas continuidades. A metodologia utilizada nestes módulos de avaliação observa onde as atividades de lazer e cultura acontecem, os conteúdos, o público e a própria avaliação de quem participa, ou seja, a comunidade envolvida.

Verificamos com a apresentação dos temas abordados e discutidos, ao longo da formação oferecida aos agentes sociais que atuam no PELC, que além da edificante parceria do Ministério do Esporte com a UFMG, que reavivou o programa de formação aos profissionais atuantes no PELC, toda a

sua efetivação é feita coletivamente, respeitando inclusive pressupostos da Educação Popular e Andragogia, que valoriza as maneiras de aprender com vivência prática importante aos adultos, pois também vislumbra a aprendizagem significativa e participação coletiva.

A persistência em manter o relacionamento com integrantes de órgãos municipais, especialmente com a prefeitura local, potencializa as ações do PELC a se transformar as atividades contidas nas programações locais em possíveis projetos para a implantação de políticas públicas.

As contínuas reuniões para a análise das atividades, o compartilhamento dos desafios encontrados no cotidiano dos grupos, são fortes elementos que ajudam a compor as demandas que se transformam em ações com respaldo nas questões identitárias locais. A reflexão contida como objetivo no módulo introdutório I, que atribui a importância em reconhecer a realidade local, é um aporte fundamental de valorização das pessoas e de seus costumes.

### **Programa Ruas abertas no município de São Paulo – Avenida Paulista aberta aos domingos para o lazer**

Para se chegar ao formato que conhecemos atualmente, foram muitos os debates para o surgimento de um novo espaço de lazer urbano, em especial que ocorresse nos mais de dois quilômetros da Avenida Paulista. Os vereadores Nabil Bonduki e Juliana Cardoso, ambos do PT, ajudaram nas revisões das antigas leis que instituíam o Programa Ruas Abertas, propondo adequações e todo o envolvimento de órgãos públicos para a viabilização do programa com segurança e organização necessárias para a população. Em agosto de 2014 começaram os movimentos por parte das organizações *Sampa Pé* e *Minha Sampa* com reivindicações à Prefeitura da cidade, com a apresentação de propostas que viabilizam ações de lazer e cultura à população e, em 28 de junho de 2015 a prefeitura municipal de São Paulo efetivou um teste durante a inauguração do primeiro trecho da ciclovía da Avenida Paulista.

Em 29 de dezembro de 2016, o então prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, promulgou a Lei nº 16.607, que instituiu o *Programa Ruas Abertas*, que altera e revoga leis anteriores, a 12.879 de 1999 e 12.273 de 1996, respectivamente. O artigo primeiro desta Lei institui o Programa Ruas Abertas no perímetro municipal. Este programa viabiliza a utilização de vias públicas (ruas, avenidas, praças e largos) de forma temporária e/ou permanente para atividades de lazer, esporte e cultura e integra três modalidades: Ruas de Cultura e Lazer, Ruas 24 horas e Vagas Vivas:

É uma política que torna a cidade mais amigável, torna as pessoas mais próximas umas das outras. Acho que nós temos que cultivar a tolerância mais do que nunca na nossa cidade com possibilidades de encontros, entendimentos e comunhão, que são coisas que devem marcar a vida em uma cidade tão diversa como São Paulo. (Fernando Haddad)

Para efeito explicativo desta Lei, *Ruas de Cultura e Lazer*, são vias que funcionam aos domingos e feriados, entre às 10h e 16h. As *Ruas 24 Horas* tem permissão legal para seus funcionamentos contínuos de múltiplas atividades, todos os dias da semana, desde que em seu entorno exista forte presença de atividades comerciais. O entendimento de *Vagas Vivas* compreende a ampliação das vias (ruas) em suplementos, chamados “parklets”, anexos que dão maior dimensão para os pedestres fruírem espaços públicos de lazer ofertados à população.

É vetado o trânsito de veículos automotores nos locais destinados às Ruas de Cultura e Lazer e nas Ruas 24 Horas, nos períodos destinados às atividades, salvo os automóveis pertencentes aos moradores vizinhos às áreas delimitadas. Os materiais de bloqueio das vias são fornecidos pela Prefeitura e sua utilização é obrigatória.

Ressaltamos que este programa social municipal é uma releitura do Programa Ruas de Lazer que foi originalmente implantado na capital paulista em 1976 e, observamos que mantem como premissa uma maior ocupação das vias públicas pela população, e desta forma proporcionar um sentimento de pertencimento à metrópole, o que traz sentido aos conceitos identitários tratados neste capítulo e reforçado pelo trecho:

Os espaços públicos de lazer trazem inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade do ambiente urbano, entre eles a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento humano e o relacionamento entre as pessoas. (OLIVEIRA e MASCARÓ, 2007, p. 60)

Os projetos sociais voltados a aproximar a população aos espaços públicos proporcionam olhar a metrópole de outra forma. O exemplo da Avenida Paulista em São Paulo, que em um primeiro momento, pode ser sinônimo apenas de local de trabalho, ou de passagem, de acesso a um bairro a outro, pode ampliar sua rede de significação, quando vivenciada como espaço de lazer e de convívio com outros grupos de pessoas, que trazem outros costumes, suas culturas e diferentes manifestações culturais:

Se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, todo o esforço para a sua democratização não pode depender unicamente da construção de equipamentos específicos. Estes são importantes e sua proliferação é uma necessidade que deve ser atendida, mas há de se destacar os usos para lazer de locais não específicos, como as ruas. (MARCELLINO, 2006 *apud* MARCELLINO, 2007, p. 10).

Projetos sociais que visam a promoção do espaço público com o objetivo do encontro, abre a possibilidade do conhecimento e do reconhecimento do próprio indivíduo inserido em sua comunidade, em sua cidade. Todavia, pensar na não continuidade deste Programa é notório; visto a mudança de gestão da cidade e indícios do não comprometimento com o acolhimento de programas e projetos anteriores por parte do novo prefeito eleito.

Nossa pesquisa, frente a um momento histórico-político-social repleto de incertezas, propôs uma investigação de campo com pessoas em momentos de lazer na Avenida Paulista em um domingo do mês de dezembro de 2016, com o propósito de analisar o quanto o lazer é importante em suas vidas e a representação do Lazer na Avenida Paulista. As análises e conclusões serão apresentadas no capítulo III.

### **CAPÍTULO 3 – LAZER, IDENTIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS**

No presente capítulo analisaremos os elos entre o lazer, identidade e políticas públicas. Detemo-nos primeiramente no diálogo entre dois autores: Pierre Bourdieu e Isaura Botelho. A escolha destes autores se deu em virtude do primeiro versar sobre o termo *habitus*, que compreende um sistema que se intersecciona em entendimentos de ordem material, simbólico e cultural. Já a escolha por Botelho ocorreu devido à sua abordagem sobre a questão cultural entrelaçada à identidade, de forma a pensar a cultura dentro de suas dimensões antropológica e sociológica e seus desdobramentos, além de propor que para a democratização da cultura seja necessária uma mudança radical nos costumes, desde a esfera individual até a esfera pública.

Investigamos também as duas entrevistas realizadas com os professores Camargo e Secco, que concatenadas à pesquisa de campo realizada, constituída por um questionário semi-estruturado, respondido por quinze pessoas na Avenida Paulista no dia 11 de dezembro de 2016, formam os elementos necessários para a utilização da técnica da Triangulação de Dados. A análise dos dados é estruturada e nos fornece subsídios para entendimentos do objeto da pesquisa: o lazer; utilizando-nos eventualmente de citações anteriormente contidas nos capítulos 1 e 2 por visar um melhor entendimento das análises realizadas, na sequência apresentamos as considerações finais.

#### ***Habitus* – O processo entre capitais e sociedade e as dimensões da cultura, entendimentos e contribuições às políticas públicas**

Pierre Bourdieu nos convoca a entender o processo de dominação entre os indivíduos e como este elemento ocorre entre os grupos sociais:

As relações de conhecimento e de comunicação, portanto, são de modo inseparável e sempre, relações de poder. Por sua vez, dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou instituições) envolvidos nessas relações. (BOURDIEU, 1989, p.09)



Segundo Pierre Bourdieu esta dominação é um agente condicionante que nos atinge, de forma material e simbólica, em uma múltipla relação de interdependência e, é mais forte que o dinheiro e prestígio que conseguimos acumular em vida e independe do nosso nível de escolaridade. Este domínio, este controle, interfere na maneira de como gerimos nossos sentidos e como os exprimimos em nosso momento histórico-político-social.

Para Bourdieu o *habitus* é:

com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida. (BOURDIEU, 2008, p.162)

Bourdieu nos indica que vivemos em uma sociedade hierarquizada, com um sistema econômico e cultural que distingue os indivíduos. O pensador francês explica que o indivíduo produz sozinho o gosto, não é inato, está atrelado, tem imbricações diretas de condições específicas de socialização. Dois componentes são fundamentais para o aprimoramento do gosto de um indivíduo: a família e a escola (BOURDIEU, 2008):

(...) Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão com classes lógicas que organiza a percepção de mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão de classes sociais. (...) Enquanto produtos estruturados (*opus operatum*) que a mesma estrutura estruturante (*modus operandi*) produz, mediante retraduições impostas pela lógica própria aos diferentes campos, todas as práticas e as obras do mesmo agente são, por um lado, objetivamente harmonizadas entre si, fora de qualquer busca intencional da coerência, e, por outro, objetivamente orquestradas, fora de qualquer concentração consciente, com as de todos os membros da mesma classe.(BOURDIEU, 2008, p. 163)

Segundo Bourdieu, que as relações de ordem material e/ou econômica, o dinheiro, assim como as relações simbólicas (status) e/ou culturais (nível de

escolaridade), em que estão inseridos os indivíduos de uma dada sociedade são um sistema de hierarquias. E a diferenciação desses mesmos indivíduos acontece na irregular distribuição de recursos que se transformam em poderes.

Recursos e poderes para Bourdieu é expresso como capital econômico, o capital cultural, seriam os saberes oriundos de formações, por meio da educação formal, com a obtenção de diplomas e títulos. O capital social seria as relações sociais que porventura podem ser transformadas em capital, ou seja, de fato capitalizadas. Já o capital simbólico poderia se traduzir como a integridade, dignidade e honra. E por sua vez, com conjunto destes capitais, se dá o *habitus*<sup>9</sup>.

Bourdieu nas décadas de 1960 e 1970 realizou diversas pesquisas sobre a vida cultural dos franceses, perpassando por suas práticas de lazer e de consumo. Com base nessas pesquisas, ele afirmava que os gostos culturais dos indivíduos, independente de suas origens, estão intimamente ligados às suas jornadas sociais, ou seja, as práticas culturais dos indivíduos têm ligação familiar, insere-se dentro de um contexto educativo e suas relações com a instituição escola, não sendo simplesmente as práticas culturais um objeto, ou decisão, cuja tomada seja unicamente definida pelo sujeito, ao contrário, o gosto é construído a partir das relações entre o sujeito e seus meios, dentre os quais figuram a família e a escola.

O *habitus* necessita de uma sensibilidade estética prévia, conhecimento de códigos que normalmente são apresentados em casa, com a família. Porém Bourdieu já explanava que, em nossa sociedade as condições de acesso à educação e aos bens culturais não é distribuída de igual forma, e que muitas são as famílias que não têm repertório suficiente para a apropriação e a facilidade de assimilação dos ensinamentos escolares.

Ainda nos referindo à família, podemos refletir sobre os indivíduos que não têm família. Neste recorte os indivíduos também teriam seu *habitus* elaborado de forma comprometida, pois um elemento importante e relevante para sua construção, neste caso a família, devido à sua inexistência, não contribuiu para a elaboração de novas interpretações do mundo.

---

<sup>9</sup> <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>

Ao pensarmos sobre o *habitus* de Bourdieu e o ambiente escolar nos deparamos com um grande problema/embate: as diferenças oriundas das desigualdades sociais e que repercutem na bagagem cultural tão exigida pelas escolas. Embora a escola devesse considerar tais diferenças e oferecer subsídios para uma equiparação e oportunidades igualitárias aos seus alunos, a observação de Bourdieu é que ocorre exatamente o contrário. A escola é o local onde se perpetuam as diferenças, sobretudo às famílias pertencentes às camadas mais populares, em que o acesso ao capital cultural é restrito (BOURDIEU, 1989, p.10).

Bourdieu (1989) questiona o caráter democrático da escola, que não cumpre o papel de oferecer o mínimo necessário aos seus frequentadores, para que todos possam ter acesso aos códigos da cultura letrada, desta forma proporcionando o desenvolvimento de uma competência cultural que a própria escola exige. Então, ao contrário do que o senso comum pensa, a escola corrobora para a continuidade da distinção de capital cultural entre os grupos sociais.

Outra pensadora discorre sobre a violência simbólica, Setton (2010) confirma que a exigência praticada pela escola aos alunos originários de famílias com baixa escolaridade é uma forma de violência simbólica, a cobrança de algo que eles não têm, um conhecimento prévio, aquele conhecimento que se faz necessário para a introdução de saberes ligados à cultura 'culta' e, como se não bastasse ainda há a desqualificação da cultura popular, manifestação tão comum no cotidiano desses mesmos alunos, como vemos em:

Concebo o conceito de *habitus* como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controvertida, creio que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das

identidades sociais no mundo contemporâneo.  
(SETTON,REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 2002, p.  
61)

Acima verificamos a contribuição de Setton (2002) no que tange o conceito de *habitus*. O caráter de mediação atribuído a ele, comparado metaforicamente a uma ponte, traduz sua importância e auxílio na observação de fruição cultural, assim como a vivência com o lazer e consumo de bens culturais e também não menos importante nos apoia na análise dos componentes identitários e seus grupos.

A colaboração de Botelho (2016) nos orienta em virtude das várias interpretações de cultura que se tem hoje nas diferentes instâncias do Estado, é patente a defesa de políticas públicas eficazes, e que ainda considerem os meios de produção cultural e também formas de se analisar e averiguar como se dá a recepção cultural.

Esta mesma autora salienta também que a vida cultural do indivíduo não se dá apenas no tempo livre, ela se dá em momentos de trabalho e até mesmo quando este se transporta de um lugar para outro. Nas cidades podemos imaginar as horas que ficamos no trânsito e o que isso significa em nossa recepção cultural. Pela dinâmica vivenciada nos grandes centros urbanos, Botelho (2016) chama a atenção para o conhecimento do cotidiano tão essencial para o pensar das políticas públicas. Para tal, a autora nos apresenta as dimensões antropológica e sociológica da cultura, que veremos a seguir.

O convívio social configura a dimensão antropológica. Nesta dimensão o indivíduo elabora sua identidade, cria seu estilo de vida, estabelece seus valores. Nesta altura citamos Michel de Certeau (1994) e seus “equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários”. A sociabilidade estabelecida fortalece o relacionamento entre os indivíduos, assim como os elos são construídos a partir de significações particulares ou comuns a determinados grupos, sejam eles de ordem étnica, de ordem cultural ou profissional.

A dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de

pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade.(BOTELHO, p.38, 1990)

Para termos uma mudança significativa na dimensão antropológica, é necessária uma intervenção, uma transformação socioeconômica, para a transformação de hábitos, costumes, e conseqüentemente haja uma mudança nos padrões adotados, ou seja, uma revisão das normas de convivência, Botelho elucida:

Para que a cultura, tomada nessa dimensão antropológica, seja atingida por uma política, é preciso que, fundamentalmente, haja uma reorganização das estruturas sociais e uma distribuição de recursos econômicos. Ou seja, o processo depende de mudanças radicais, que chegam a interferir nos estilos de vida de cada um, nível em que geralmente as transformações ocorrem de forma bem mais lenta: aqui se fala de hábitos e costumes arraigados, pequenos mundos que envolvem as relações familiares, as relações de vizinhança e a sociabilidade num sentido amplo, a organização dos diversos espaços por onde se circula habitualmente, o trabalho, o uso do tempo livre, etc. Dito de outra forma, a cultura é tudo que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando. (BOTELHO, p.38, 1990)

Podemos admitir que a cultura na perspectiva antropológica é tudo o que a pessoa elabora de forma simbólica e material. A dimensão sociológica diz respeito à forma como se dá a organização e a busca de tipos de públicos; instituições que se responsabilizam pelas mediações e a apresentação das variadas linguagens no campo cultural. Para o alcance destes públicos e o entendimento dos mesmos em relação à apropriação das linguagens ora apresentadas, tem-se a necessidade de instituições que forneçam a formação e a difusão de uma programação cultural. A dimensão sociológica apresenta de forma organizada opções de bens culturais/simbólicos para consumo.

Segundo Botelho (2016), a dimensão sociológica composta por organizações/entidades que promovem variada programação cultural, são os verdadeiros alvos das políticas públicas. Em contrapartida, torna-se claro que é

a dimensão antropológica que se distancia da ação de tais políticas, tendo tal dimensão apenas força enquanto discurso. A autora preconiza que para a perspectiva antropológica seja atingida, são necessários investimentos de ordem estratégica.

São duas as estratégias: a primeira com forte atuação na sociedade, a militância. O exercício de cidadania, com um alto comprometimento de vigilância pelos indivíduos à atuação dos poderes públicos. Com tal postura, pode-se aproximar as duas dimensões, a antropológica e a sociológica, pois os indivíduos ao reivindicar seus direitos pela cultura, colocando-se como cidadãos, vislumbram as imbricações entre essas duas dimensões, fazendo penetrá-los em circuitos mais organizados, proporcionando assim a formação de uma rede interessada por uma demanda cultura fortemente engajada.

A segunda estratégia não menos importante, mas talvez a mais difícil segundo Botelho (2016), é legitimar a área cultural como realmente importante dentro do cenário da instituição governamental. De acordo com a autora, a pasta da Cultura teria que agir de forma interdisciplinar, dialogando em instâncias diversificadas do poder, articulando programas em conjunto, atingindo assim todas as áreas da administração.

A análise dos autores apresentados neste capítulo e seus devidos aportes relacionam-se com as temáticas aqui estudadas, que são lazer e identidade e, ainda se interseccionam com a teoria do *habitus* de Bourdieu.

Mediante os objetivos da nossa pesquisa que foi primeiramente analisar a inter-relação entre lazer e identidade, temáticas exploradas nas duas entrevistas realizadas com o Professor Camargo e com o gestor do PELC Evandro Secco, para efeito de complementação e ida ao encontro da técnica de pesquisa escolhida, a triangulação, foi elaborado um questionário semi-estruturado, apresentado a quinze pessoas em momento de fruição do Lazer na Avenida Paulista, no dia 11 de dezembro de 2016, as questões versavam sobre o universo do lazer, sua importância e sua relação com a cidade.

## **A triangulação, fundamentação e escolha pela técnica de pesquisa<sup>10</sup>**

Segundo os autores Denzin e Lincoln (2005), a triangulação pode ser interpretada de forma mais abrangente e deve ser considerada uma combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de forma a solidificar a elaboração de teorias sociais. Para estes autores, é uma maneira de legitimar a pesquisa qualitativa. Ao usar variados métodos, certifica-se de mais embasamentos para estudar um determinado fato.

A *Triangulação das Fontes de Dados* nos concede a oportunidade de analisar o fenômeno “sob diferentes olhares” e situarmos o objeto em seu referido conceito. Denzin (2002) propõe que se estude o fenômeno com indivíduos diferentes, coletando os dados de fontes diversas, de preferência três e a análise dos dados coletados deverão percorrer os conceitos estudados, confirmando-os ou refutando-os.

A triangulação é um instrumento metodológico que necessita de um desenho de pesquisa, cuja abordagem pode contar com técnicas que coleta informações de forma diferenciada, informações essas de ordem quantitativa e qualitativa. A triangulação de dados tem se apresentado eficiente porque viabiliza a coleta de informações de fontes diversas, bem como permite a coleta dos mesmos em períodos também diferentes. Permite-se transpor teorias, autores e áreas do conhecimento distintas, favorecendo a ocorrência de novos saberes.

A interpretação mostrada pela combinação de métodos, teorias e pesquisadores na utilização da triangulação em pesquisas apontam direcionamento promissor aos pesquisadores acadêmicos, sobretudo aos que se dedicam aos estudos interdisciplinares.

---

<sup>10</sup> A escolha pela técnica de triangulação ocorreu pela oportunidade gerada ao longo da pesquisa de se obter dados de três fontes diferentes e igualmente importantes na elaboração de elementos que corroboram na inter-relação das temáticas estudadas: lazer e identidade. Além do vínculo desses temas às políticas públicas e por consequência sua interface/apropriação com o contexto das cidades.

A entrevista realizada com o Professor Camargo assim como o depoimento do Professor Secco reforçam os aportes teóricos utilizados na pesquisa, pois evidenciam a inter-relação Lazer e Identidade.

O questionário aplicado na Avenida Paulista foi composto por dez perguntas e, compunham o cerne do nosso estudo, a saber: o lazer, sua importância e como o indivíduo se relaciona com o espaço/cidade e neste relacionar-se, como poderia se destacar a questão identitária.

### **Análise dos dados**

As duas entrevistas concedidas pelos professores Camargo e Secco nos elucidam sobre a inter-relação das temáticas lazer e identidade. Conseguimos destacar nas falas dos docentes suas conexões às concepções dos temas estudados, assim como dar evidência e ligá-las ao pleno exercício dos conceitos à vida prática.

Na primeira entrevista, a do Professor Camargo, foi mostrado a forte ligação, o entrelaçamento do lazer e sua importância junto à constituição da identidade do indivíduo. Dumazedier é citado, reforçando que seu legado e pesquisas sobre o Lazer ainda são bem atuais. A citação deste autor se dá justamente quando o Professor Camargo acentua a idéia do Lazer como parte de uma escolha pessoal, uma vontade individual, parte do cuidado de si.

O professor Secco atribui à inter-relação do Lazer e Identidade sob a ótica do PELC, programa social de âmbito federal, que privilegia a questão local, o respeito às manifestações culturais locais, o fortalecimento das atividades já existentes em uma comunidade, e partindo do princípio que seus integrantes participem por iniciativa própria, evidencia a ligação entre esses dois elementos.

Com os depoimentos dos professores nos é esclarecido que a identidade pode ser vista como elemento que 'costura o tecido social'.

A fala do Professor Secco ganha força ao citarmos Hall:



São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do Outro. “[...] identidade é sempre em parte uma narrativa, sempre em parte um tipo de representação. Está sempre dentro da representação. Identidade não é algo que é formado fora e, no final, nós narramos histórias sobre ela. É o que está narrado na nossa própria pessoa (Hall, 1991, p. 49).

Ao contemplarmos em atividades socioculturais o olhar o Outro, quando é privilegiado seu cotidiano, suas práticas já legitimadas em seu grupo, as diversas formas de lazer possibilitadas através de programas sociais passam a respeitar e evidenciar as suas identidades, tornando tais atividades significativas.

Quanto às respostas ao questionário que perguntava às pessoas na Avenida Paulista a importância do Lazer e as relações estabelecidas neste espaço público, percebemos que as respostas podem ser relacionadas com Hall (1996) em diversos aspectos, dentre eles a disposição de conviver com a diferença nos convoca a reflexão sobre a diversidade, no sentido de nos voltarmos a conhecer as várias formas de ser.

Desta forma a constatação da emergência de utilizarmos ‘a rua’ como espaço de lazer e convívio foi verificada nos relatos dos entrevistados, estes relatos nos direcionam à contribuição de Marcellino:

Se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, todo o esforço para a sua democratização não pode depender unicamente da construção de equipamentos específicos. Estes são importantes e sua proliferação é uma necessidade que deve ser atendida, mas há de se destacar os usos área lazer de locais não específicos, como as ruas (MARCELLINO, 2007, pg. 10)

A confluência entre os temas lazer e identidade foram expressos nos relatos das entrevistas de campo e, ao enaltecer a questão do pertencimento, sentimento este que pode ser percebido em situações de lazer, fazemos a sua convergência aos aportes de Canclini, quando o mesmo diz:

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de *pertencimento*, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades. (CANCLINI, 1995b, p. 22)

Neste sentido Canclini nos chama à atenção que a questão identitária relaciona-se com o pertencimento e, este último mantém vínculo com manifestações humanas das mais simples às mais complexas, como as culturais, por exemplo, que fazem os indivíduos se aproximarem, estabelecendo sentido e inserindo-se no contexto social em grupos, detentores de gostos de *habitus* em comum.

Reportando-nos a Bourdieu (1989) e seu termo *habitus*, quando o mesmo o relaciona a uma sensibilização estética prévia, nossa pesquisa de campo traz à tona esta questão, em concordância, visto que todos os entrevistados possuíam ao menos o ensino médio, pertencendo a um grupo considerado escolarizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a relação entre dois temas, a saber: lazer e identidade. Partindo da ideia que o lazer pode contribuir para a constituição identitária dos indivíduos, primeiramente percorremos os conceitos de lazer, legitimados por autores como Dumazedier, que realizou pesquisas dentro deste campo e que são referências até nos tempos atuais; também transitamos por autores como Hall e Canclini que nos ajudaram a compreender os conceitos que acercam a identidade.

Os caminhos escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa foram os autores que abarcam o lazer e identidade, documentos oficiais que discorrem e conceituam os programas sociais PELC e Programa Ruas Abertas e também adentramos na questão direcionada às políticas públicas. A partir do que iniciamos brevemente no capítulo 1 e, que teve sua complementação no capítulo 3, privilegiou-se a análise entre lazer, cultura e políticas públicas com o intuito de apresentar estes elos existentes e que permitem o debate de ordem transversal e que vão ao encontro do objetivo principal da nossa pesquisa que foi a análise da relação entre o lazer e a identidade. Foi também apresentado o diálogo entre Pierre Bourdieu e Isaura Botelho, que provocam reflexões a respeito do *habitus* que se apreende como um sistema de relações de ordem material, simbólica e cultural e, das dimensões antropológica e sociológica da cultura.

Considerando os aportes teóricos utilizados, a aplicação da técnica de triangulação de dados, composta por duas entrevistas com os professores Camargo e Secco e com a pesquisa de campo realizada na Avenida Paulista, constatamos que existe plena relação entre lazer e identidade. Os dados coletados tanto nas entrevistas com os docentes quanto na pesquisa de campo, reforçam que lazer e identidade são elementos que caminham juntos.

A relação entre o lazer e a identidade pode existir por influência de uma causa coletiva, que pode ser justificada pelo envolvimento em algum programa social, entre eles o PELC, o qual foi analisado em nossa pesquisa. Esta mesma relação pode também existir por uma escolha individual, porque o indivíduo em

momento de fruição do lazer, pela necessidade do cuidado de si, se inter-relaciona com estes dois elementos.

A escolha pela técnica de pesquisa foi satisfatória porque somou à contribuição dos autores escolhidos e contidos na bibliografia, questões contemporâneas e de atual interesse social. O momento histórico-político-social foi decisivo para a pesquisa de campo, que demonstrou através dos relatos do público entrevistado uma emergência nas questões de políticas públicas que envolvem o lazer.

Dentro desse contexto aqui analisado do lazer enquanto cuidado de si e sua extrema relevância para a constituição dos sujeitos sócio-culturais, encontramos na linguagem da música a canção *Comida*, da banda brasileira Titãs, que nos anos 1980 nos presenteou com este clássico do *rock* nacional. “Você tem sede de que? Você tem fome de que?...” Nestes versos que interrogam questões aparentemente simples, mas que se desvelam difíceis de responder com distanciamento do senso-comum, atrelam-se à nossa intimidade, bem particulares, voltadas à nossa existência:

Comida

**Titãs**

**Compositores: Arnaldo Antunes/Sérgio Brito/Marcelo Fromer**

Bebida é água!	[...]
Comida é pasto!	A gente quer a vida
<b>Você tem sede de que?</b>	Como a vida quer...
<b>Você tem fome de que?...</b>	
A gente não quer só comida	[...]
A gente quer comida	<b>A gente não quer só comer</b>
<b>Diversão e arte</b>	A gente quer prazer
A gente não quer só comida	Pra aliviar a dor...
A gente quer saída	
Para qualquer parte...	

[...]

**Desejo, necessidade, vontade**  
**Necessidade, desejo, eh!**  
**Necessidade, vontade, eh!**  
Necessidade

A entrevista concedida pelo Professor Camargo vai ao encontro da música *Comida* se empregarmos a ela uma interpretação que reconheça o lazer como um fator de identificação pessoal e, através dele as pessoas podem depositar no tempo livre, período intrinsecamente ligado ao lazer, suas esperanças de realização.

Percebemos ainda nesta música a presença da questão relacional com forte ligação identitária, quando se remete ao grupo "... para qualquer parte...", "... a gente não quer só comida...". A música não expressa uma voz apenas, remete-se a um grupo, a uma identidade de grupo, o que nos revela também uma inter-relação entre os temas aqui estudados: lazer e identidade.

## REFERÊNCIAS

BELL, D. O advento da sociedade pós-industrial. São Paulo: Cultriz, 1974.

BOTELHO, Isaura. Políticas culturais: discutindo pressupostos In: Gisele M. Nussbaumer, Teorias & políticas da cultura – visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 173.

\_\_\_\_\_. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. Espaço e Debates. Revista de Estudos regionais e urbanos. Nº 43/44, 2002.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura. São Paulo. Edições Sesc, 2016.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAMARGO, Luiz Octávio Lima. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998.

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 2012.

COULAGEON, Philippe. Sociologia das práticas culturais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

CUNHA, Newton. Cultura e ação cultural: uma contribuição a sua história e conceitos. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. Handbook of Qualitative Research. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DUMAZEDIER, J. Questionamento teórico do lazer. Porto Alegre: PUC-RS, 1975.

DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Escosteguy, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana. ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. Lazer e prazer questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas, SP: Autores associados, chancela editorial CBCE, 2001.

GAYA, A. (1997): Lazer e trabalho: os limites ideológicos de uma relação de subserviência. IN: COSTA, L. (editor): Meio Ambiente e desporto: uma perspectiva internacional. Porto. Universidade do Porto, p. 145-153.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LAFARQUE, P. (1991): O direito a preguiça. Original: Le Droit a la Paresse (1883). Tradução: Antônio José Massano. 3ª ed. Lisboa. Ed. Teorema.

MAGNANI, J. Guilherme Canto. Festa no Pedaco: Cultura Popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 2003.

MAGNANI, J. Guilherme Canto. Na Metrópole. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MARCASSA, Luciana. A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo.(1888-1935). 2002. 204f. 2002. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Cultura. Campinas, SP: Editora Alinea, 2007.

MARCUSE, Herbet. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Revista Observatório Itaú Cultural : OIC. – N. 12 (maio/ago. 2011). – São Paulo: Itaú Cultural, 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. In: REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 2002, p. 61.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TURINO, Celio. Na trilha de Macunaíma: ócio e trabalho na cidade. São Paulo: Senac São Paulo: Sesc São Paulo, 2005.

[http://viverascidades.blogspot.com.br/2010/08/magnani-rua-e-evolucao-da-sociabilidade\\_14.html](http://viverascidades.blogspot.com.br/2010/08/magnani-rua-e-evolucao-da-sociabilidade_14.html). Último acesso em 02/09/2016.

<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>. Último acesso em 06/02/2017.

<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/esporte-e-lazer-da-cidade/programa-esporte-e-lazer-da-cidade-pelc>. Último acesso em 15/11/2016.



## **ANEXO**

### **ENTREVISTA COM O PROF. DR. LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO<sup>11</sup>**

#### **KARINA**

1) O lazer pode contribuir na construção identitária do indivíduo?

#### **PROFESSOR CAMARGO**

Eu diria que o Lazer é essencial na construção identitária da maior parte dos indivíduos. Nós imaginamos que existam pessoas que tem como cerne da sua vida o trabalho. Nas antigas estatísticas da sociologia do trabalho, que eu não acompanho mais, se fala de mais ou menos 15% de trabalhadores que tem no trabalho sua fonte principal de identidade, mas dificilmente a gente pode considerar que é assim.

Eu tenho uma pesquisa, por exemplo, muito antiga de 1978 que é uma pesquisa intergeracional que o GALLUP fez interrogando jovens de diferentes países sobre a seguinte questão: “Onde você imagina que vai se realizar mais, no trabalho ou no Lazer?” Nos países orientais na época, era no trabalho que as pessoas ainda depositavam sua maior esperança de realização pessoal.

---

<sup>11</sup> Livre-Docente pela USP/EACH, doutor em Sciences de l'Education pela Univ.Sorbonne-Paris V (Rene Descartes) (1982), título revalidado pela FE-USP como Filosofia e História da Educação e graduado em Comunicações/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1974). Sociólogo, com produção nas áreas de lazer, educação, hospitalidade, turismo e animação sociocultural. Iniciou sua vida profissional no campo do lazer no SESC de São Paulo onde dirigiu projetos como o Centro de Estudos do Lazer, a Biblioteca Científica do SESC-Série Lazer, e parcerias com universidades e organizações internacionais. Foi consultor de lazer e turismo em planos de desenvolvimento regionais e locais. Foi implantador e primeiro coordenador dos cursos de graduação em Turismo e Hotelaria da Univ. de Sorocaba. Suas principais publicações são: no Brasil, O que é lazer (Brasiliense), Educação para o lazer (Moderna), Hospitalidade (Aleph), tendo ainda artigos publicados nas revistas Tiers-Monde( França), Loisir & Société (Canadá-Québec) e EUA(Leisure Journal). Foi docente e, posteriormente, coordenador do Programa de Mestrado em Moda, Cultura e Arte do Centro Universitário SENAC de São Paulo. Atualmente, é membro docente do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Univ.Anhembi Morumbi e docente do Bacharelado em Lazer e Turismo da EACH-USP e professor colaborador do Programa de Mestrado em Turismo da USP/EACH. Suas pesquisas no momento acontecem em torno de duas palavras-chave: lazer e hospitalidade. É editor da revista Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

Mas nos países ocidentais, inclusive no Brasil, as pessoas colocavam suas esperanças no **Tempo Livre**, era onde as pessoas depositavam sua esperança de realização pessoal.

Então nós poderíamos dizer, que pra maioria das pessoas, o **Lazer** é sim um fator de identificação pessoal. Nas empresas, por exemplo, um dos grandes trabalhos de humanização, é exatamente procurar descobrir nos trabalhadores não apenas a identidade deles baseado nas funções que executam, mas naquilo que eles gostam de fazer, por exemplo, há uma secretária que canta, há um outro trabalhador que é um bom jogador de futebol, há um outro é que um ótimo piadista, há uma outra que é uma *'it girl'* como se chama no momento, há um outro que é um fisioculturista, quer dizer, as pessoas gostam de se mostrar na sua multiplicidade de identidades que elas produzem no seu cotidiano. E aí entra aquela referência do Michel Maffesoli que ele diz hoje não podemos falar de identidade como um dado basilar, porque para as pessoas devemos falar de identidades, dependendo dos grupos que elas transitam em seu cotidiano.

Olha de um jeito um 'pouco esquerdo', porque pega pelo contrário, David Riesman, em ***A multidão solitária***, o que ele fala nas últimas páginas dele ele é muito explícito a esse respeito, o que Dumazedier fala, de uma forma positiva, a pessoa não tem identidade e sim identidades ele analisa mas pra ele é um ponto negativo (Riesman), pois as pessoas hoje se perdem demais no meio de tantas identidades, no meio de seu cotidiano e não sabem mais quem são. Agora a frase que ele termina o livro é fantástica (refere-se ao livro de Riesman): "A idéia que nós somos livres e iguais é só em parte verdadeira. Na verdade nós somos diferentes. Perdemos nossa liberdade tentando ser iguais aos outros."

## **KARINA**

Professor Camargo, como pensar o lazer como cuidado de si?

## **PROFESSOR CAMARGO**

Bom o lazer... Essa é uma das bases da emergência do lazer para o Dumazedier. O lazer só foi possível não apenas quando surgiu o tempo livre criado pela revolução industrial, a jornada de 8 horas, folga semanal remunerada, as férias remunerada, aposentadoria remunerada... Uma das bases do lazer é a emergência do cuidar de si do Michel Foucault, ele cita no livro dele a “Civilização do tempo livre...”, como é mesmo? É um livro dele que foi traduzido aqui no Brasil, que o SESC...Como é mesmo? Sociedade do tempo livre? É uma coisa assim o título dele, mas ele fala de tempo livre.

## **KARINA**

Michel Foucault?

## **PROFESSOR CAMARGO**

Ele cita o Michel Foucault, cuidado de si, porque o lazer é possível não apenas no momento em que uma mãe diz: \_Olha, hoje eu não vou ficar cuidando do meu filho, hoje eu vou arrumar alguém e vou sair com meu marido à noite. Quero dizer que ela não aceita mais aquele papel que a sociedade infligiu as mulheres de ser o esteio do lar, o cuidado *full time* do filho...

## **KARINA**

Para cuidar do outro eu tenho que cuidar de mim também, não é?

## **PROFESSOR CAMARGO**

Exatamente, aí surgiu essa outra...digamos, é um machado que tenta acertar as duas coisas, mas na verdade podemos dizer que o lazer hoje é sempre um produto de uso de uma vontade pessoal, Dumazedier vai insistir, é uma escolha pessoal, e às vezes ele vai dizer que é uma escolha liberatória das obrigações, quer dizer que se não fosse o cuidar de si e as obrigações que

estariam pela frente do indivíduo, e daí, por exemplo, ficar em casa cuidando do seu filho, vou sair para uma noitada, você teria que ficar com seu filho, mas existe o cuidar de si, cuidar de mim.

**KARINA**

Claro!

**PROFESSOR CAMARGO**

Então Michel Foucault, ele tem um dos três livros de uma trilogia dele, um deles é “Grande internação”, o outro é “Cuidar de si”, ele escreveu um texto chamado “cuidar de si”

**KARINA**

Vou procurar esse texto com certeza, professor.

Agora com a cibernética, nos parece que o trabalho aumentou, todavia, com as tecnologias da informação e comunicação, as famosas TIC’S, elas também proporcionam o lazer, o senhor acredita no lazer virtual?

**PROFESSOR CAMARGO**

Claro! Seria uma cegueira você ignorar hoje que as pessoas têm no mundo virtual a sua principal, seus principais centros de interesses, basta ver todo mundo com os seus celulares nas mãos se comunicando com os outros. E quanto a essa questão que o mundo virtual faz a gente trabalhar mais é em termos, mas grandes trabalhos nas empresas são fiscalizados para ver se a pessoa está no computador trabalhando ou se está no *facebook*, nas mídias sociais... eu achava que alguns empregos estavam livres disso, empregos que tem uma grande pressão do público, de atendimento, eu pensava que, por exemplo, esses gerentes de bancos modernos, que se ocupa de pessoas... Uma vez eu estava dando um curso, você não deve ter isso, deve trabalhar o tempo todo, engano. O grande problema da gente é fazer de conta que está trabalhando quando não tem serviço, então você fica navegando, com uma

página aberta cuidando para que o chefe não apareça... E as empresas hoje estão fiscalizando...

**KARINA**

Quais são as páginas acessadas, não é?

**PROFESSOR CAMARGO**

Pior é numa sala de aula, que você vê, por exemplo, que professor que consegue acabar com celular numa sala de aula? Aliás, só se for besta, eu nem tento. Se a pessoa quer ficar no celular me ouvindo é problema dele, aliás é uma das razões que os pedagogos recomendam essas metodologias ativas na aprendizagem por conta disso, porque se depender de ouvir ... o sujeito tem coisas mais interessantes no seu celular para ver, né?

**KARINA**

Uma próxima questão, professor, o lazer continua pressupondo o trabalho?

**PROFESSOR CAMARGO**

Sim, o lazer surge como um produto do trabalho, se você pensar que na revolução industrial os indivíduos trabalhavam 15 horas por dia e hoje trabalham 8 horas ou menos até, eu te pergunto: o que aconteceu com essas 7 horas a mais que eles trabalhavam por dia? Para algumas pouquíssimas pessoas viraram um novo trabalho, para outras pouquíssimas pessoas virou um tempo maior para ficar em casa cuidando dos filhos, para outras pouquíssimas pessoas virou frequentar mais religião, cultos, mas para grande maioria das pessoas isso virou lazer, me recorda a pergunta.

**KARINA**

O lazer continua pressupondo o trabalho?

## **PROFESSOR**

Ah! Sim, hoje nós podemos dizer o seguinte: que é uma distinção mais sociológica, mas o indivíduo que não tem trabalho, quer dizer, ele tem um tempo inocupado, eu não posso dizer que ele tem um tempo livre, ele tem um tempo inocupado pela economia, não por ele mesmo, né? A noção de ócio, as pessoas interpretam psicologicamente quando sendo uma atitude do indivíduo: \_ah! Não vou fazer nada. Mas não, na verdade o ócio significa do ponto de vista social que a economia não está dando conta de arrumar trabalho para aquela pessoa e por isso ela está sem trabalho, mas nós não podemos dizer que num ponto de vista sociológico que o tempo livre dele seja igual de um indivíduo que trabalha e tem tempo livre. O que está mudando muito, muito mesmo, é digamos a relação entre o lazer e o trabalho, porque antigamente..

(pausa) O que eu estava falando?

## **KARINA**

Se o lazer continua pressupondo o trabalho? Continua sendo importante

## **PROFESSOR CAMARGO**

Sem isso nós não podemos imaginar que seja lazer, nós estaríamos voltando numa condição que seria dos gregos que não trabalhavam porque era proibido trabalhar, ou dos romanos, né? Voltamos às condições deles, aí não é lazer. Ou mesmo, vai passar outra vez o filme *O grande gatsby*, que passa no final do século XIX nos Estados Unidos, foi quando o “.....” escreveu aquele “A teoria de classe do lazer”, de pessoas que fazem do não trabalhar o segredo da sua identidade pessoal, hoje nós temos ainda os milionários, mas nós não podemos falar que é lazer, né? Digamos que é um tempo que eles não ocupam com o trabalho e ocupam com qualquer outra coisa. Não tem o mesmo sentido.

## **KARINA**

Ok. Vamos voltar para nossa questão da cidade, no que concerne os espaços urbanos de lazer, qual elemento, qual equipamento é considerado hoje ícone na cidade, na sua opinião, professor?

## **PROFESSOR CAMARGO**

Shopping center, e é uma coisa muito interessante que eu penso muito, aliás refletindo com base no Canclini , porque você se lembra que o Canclini fala muito bem que a análise cultural hoje tem que considerar dois eixos, do tradicional e do moderno e do local e do global. Então é dessa congruência que se está.

## **KARINA**

Em Culturas Híbridas ele fala isso.

## **PROFESSOR CAMARGO**

Então, se você pegar o Shopping center , ele é moderno e é global , mas se nós colocarmos na transição do tradicional para o moderno nós vamos ver que ele tem muito de local também, por quê? Porque o shopping center é, digamos assim, é a materialização do mesmo interesse que levava as pessoas a frequentarem quermesses nas sociedades pré-industrial nossa, até 1850 aqui em São Paulo, digamos assim, se nós fossemos falar em lazer , era lazer, era entretenimento, era divertimento, mas as pessoas só tinham isso de uma forma efetiva na quermesse, na festa religiosa junto com a quermesse, inclusive, hoje o nosso shopping center não é como ele é globalmente um equipamento de comércio, ele é um equipamento de lazer.

**KARINA**

As pessoas se encontram lá

**PROFESSOR CAMARGO**

Na década de 80, o Data Folha fez uma pesquisa com frequentadores de shoppings para perguntar qual o interesse dele na visita, e mais de 50% das pessoas iam ao shopping não para comprar alguma coisa, mas para fazer lazer, para encontrar com os amigos, ir ao cinema, para ir no teatro, para ir na sala de... Na praça de alimentação, para ir à patinação, para ir levar as crianças no brinquedo.

**KARINA**

Que coisa interessante, professor Camargo, o senhor nos traz, porque isso me fez lembrar que recentemente tivemos os fenômenos dos rolezinhos onde os jovens de classes sociais menos favorecidas, eles se viam no direito de ir com seus devidos grupos aos shoppings centers e ter o seu lazer.

**PROFESSOR CAMARGO**

Exatamente, você vê que tem um shopping Cidade Jardim que nem tem entrada para pedestre.

**KARINA**

Exatamente para filtrar os seus frequentadores

**PROFESSOR CAMARGO**

Exatamente, mas seja como for o shopping hoje é um equipamento de lazer , as pessoas dizem: Não tenho nada para fazer, vamos onde?

**KARINA**

Vamos ao shopping.



## **PROFESSOR CAMARGO**

Vamos ao shopping! Há uma pesquisa em Porto Rico, que inclusive diz que os shoppings hoje substituem os antigos parques, os parques urbanos, tem as mesmas funções. É um local para você ir, passear, ver, ser visto. Todas essas coisas que eu cito para você se você precisar, eu tenho a referencia.

## **KARINA**

Perfeito, irei precisar professor, vai me ajudar muito. Professor Camargo, muito obrigada! Me ajudou muito nas respostas dessas questões.

## **PROFESSOR CAMARGO**

Espero.

## **KARINA**

Muito obrigada, professor!

## **ENTREVISTA CONCEDIDA PELO PROFESSOR EVANDRO SESSO – GESTOR DO PELC**

### **PROFESSOR EVANDRO SECCO<sup>12</sup>**

#### **1)Comente sua trajetória no PELC.**

Tomei conhecimento do PELC a ser convidado a coordenar um núcleo de atividades no edital “Todas as Idades”, que aconteceu nos anos de 2011 e 2012 na cidade de São Bernardo do Campo. Por ser professor de Educação Física da rede municipal, e por ter experiência em trabalhos na área do lazer, meu coordenador na época, me convidou e eu aceitei o convite. Mesmo sem

---

<sup>12</sup> Professor de Educação Física, gestor do PELC na cidade de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo.

ter total conhecimento da proposta, aceitei o desafio e acredito que foi extremamente válida a experiência.

**2) Baseado na sua vivência como gestor de um programa social de âmbito nacional, o PELC, nesta perspectiva, existe relação entre o lazer e a identidade dos indivíduos que participam deste programa? Por quê?**

Acredito que sim. Penso que o lazer é um campo de manifestação humana capaz de transitar nas mais diferentes possibilidades. Por permitir que cada pessoa participe da atividade que sente vontade e prazer, o PELC acaba por se tornar particular em cada localidade. Inclusive, esse é um pressuposto do PELC, assumir a característica da comunidade em que está inserido, e fortalecer a identidade local. Acredito que, mesmo sendo um programa de caráter nacional, o PELC se torna muito particular a partir do momento em que as intervenções de cada agente começam a ocorrer.

**3) No fluxo de gestão do PELC, em qual momento é considerada a identidade dos indivíduos de uma comunidade que usufruem deste programa social?**

Em todos os momentos, desde a fase de investigação e levantamento das informações do local onde será implementado, até a realização de grandes eventos. Por trabalhar com oficinas, o PELC é muito dinâmico e, propostas que não sejam relevantes para a comunidade não avançam. Nesse sentido, uma boa fase preparatória, e a avaliação constante do programa se tornam fundamentais para o sucesso do mesmo.

**4) O PELC considera o protagonismo de seus participantes? Em caso positivo, como?**

Sim, pois o PELC oferece momentos em os participantes podem propor atividades, questionar, organizar eventos, entre outros. Um ponto primordial frente ao protagonismo, diz respeito a criação e manutenção do Conselho Gestor do Núcleo do PELC. Esse conselho deve ser composto por

beneficiados, agentes sociais e gestores públicos. O papel do conselho vai variar de acordo com cada comunidade, porém, passa pela organização do espaço, da programação de atividades, sugestões de eventos, entre outros.

**5)Quais dos documentos oficiais que norteiam o PELC?**

O PELC tem como principais documentos norteadores a Constituição Federal e o Estatuto das Cidades. A Constituição para garantir o direito ao lazer a todos, e o Estatuto para respeitar as particularidades de cada município.

**6)Porventura o PELC dialoga com o Programa Ruas Abertas do município de São Paulo? Se positivo, quais elementos que ligam estes dois programas sociais?**

Infelizmente não conheço esse programa, mas se for relacionado aos programas de Ruas de Lazer, acredito que deve ter semelhança se o programa se propor a aproveitar aquilo que a comunidade local tende a oferecer. Assim como o PELC, é fundamental considerar o conhecimento e as características do local e buscar a ampliação gradativa dos conteúdos, oferecendo assim uma melhora nos hábitos de lazer da população.

Questionário semi-estruturado aplicado na Avenida Paulista, em 11/12/2016:

1) Qual sua idade?

18 a 25 ( )

26 a 35 ( )

36 a 45 ( )

46 a 55 ( )

56 a 60 ( )

61 a 70 ( )

71 a 80 ( )

Maior de 80 anos( )

- 2) Opcional (responda esta questão, se quiser)
- Orientação sexual: Hetero ( ) Homo ( ) Bi ( ) Outros ( )
- Gênero: Masculino ( ) Feminino ( ) Trans ( ) Outros ( )
- 3) Nível de escolaridade?
- 4) No momento exerce atividade profissional?
- 5) O Lazer é importante para você? Por quê?
- 6) Como você vê a Avenida Paulista como espaço de convívio aos domingos?
- 7) Como você vê sua mudança de comportamento na Avenida Paulista durante a semana e aos domingos?
- 8) Quais os elementos que caracterizam o Lazer na Avenida Paulista aos domingos?
- 9) Existe ainda um debate sobre o fechamento da Avenida Paulista aos domingos para o Lazer. Qual é o seu posicionamento neste debate?
- 10) Ao ter Lazer na Avenida Paulista, você pensa que há uma apropriação da cidade de São Paulo?

**Excertos das respostas dadas ao questionário elaborado – campo na Avenida Paulista**

1ª fase do questionário:

**O Lazer é importante para você? Por quê?**

*Maneira de descontrair.*

*Porque precisamos do ócio para sermos criativos. Recarregar as energias.*

*O Lazer abre perspectivas, torna a vida leve, ensina respeito, etc.*

*O Lazer ajuda a retirar um pouco da violência do cotidiano.*

*O Lazer é fundamental para a comunhão entre pessoas, para a qualidade de vida, para a formação do ser.*

*O Lazer me tirar da rotina.*

*O Lazer é importante, nos dá fôlego para pensarmos nesse momento de crueldade política.*

*O Homem precisa do Lazer para ser completo. Precisamos de cultura, conhecer pessoas, estar em contato com o novo.*

*É quando a criatividade aparece. Tem vínculo físico também. Não tem como fazer lazer sem movimento.*

*Eu acho que o Lazer é uma questão cultural. São Paulo proporciona isso gratuitamente. É um momento de enriquecimento.*

*Sinto liberdade quando estou em momento de Lazer.*

*Onde consigo energia. Estou sempre com a família.*

*É importante, traz consigo um melhor condicionamento físico.*

*O Lazer é onde a gente abandona o stress.*

2ª fase do questionário:

**Como você vê a Avenida Paulista como espaço de convívio aos domingos?**

*Lugar de convivência. Não há rivalidade. Há diversidade. Todos convivem juntos, sem encrenca.*

*Existe uma tentativa de confraternização, mesmo que indireta. Deixamos a rotina de lado e vivemos. O pensamento melhora.*

*Acho excelente. Foi muito bom para a cidade. Não só a Avenida Paulista foi aberta ao lazer. Várias ruas foram abertas. Tem música, tem teatro, tem mágicos.*

***Um lugar onde você pode habitar o espaço com pessoas e não somente com carros. Passeio público e habitar os lugares públicos da nossa cidade, “agora”! Se apropriar da nossa cidade.***

***Imprescindível! Ainda mais nesta cidade em que as pessoas sequer se olham no elevador!!! A “Paulista”, coração de São Paulo, voltou a bater e com isso acorda os corações das pessoas.***

3ª fase do questionário:

**Existe ainda um debate sobre o fechamento da Avenida Paulista aos domingos para o Lazer. Qual é o seu posicionamento neste debate?**

**Ao ter Lazer na Avenida Paulista, você pensa que há uma apropriação da cidade de São Paulo?**

*A Avenida não é para todas as pessoas. Há uma diferença social proposital!*

*Sim há. Apropriação como ocupação. Vejo os sambistas como uma forma de protesto.*

*Devemos usufruir mais a cidade e essa proposta deveria ser expandida.*

*Deve permanecer o Lazer na Paulista!*

*Não necessariamente uma apropriação da cidade, mas sim uma valorização do Lazer.*

***É uma oportunidade para todos. Tenho música, teatro, dança.***

***Sim, com certeza.***

***Você faz parte!***

***Você pertence!***

***Durante a semana você passa. No domingo é diferente!***

*A Avenida paulista deve continuar fechada para o Lazer. É notória que as pessoas a utilizam para o Lazer e as pessoas gostam, pessoas de todas as idades, oportunidade das famílias se aproximar.*

***Já fui contra. Achei que a Avenida Paulista era “a avenida dos hospitais”. Achei que era ruim. Agora penso que deu certo. É possível. Agora concordo. Precisa de mais segurança. Precisa de mais harmonia.***

***Não sei se o termo é apropriação. Tem que ter na Zona Leste também. A Avenida Paulista não precisa ser único local com este tipo de iniciativa. Temos que nos 'apropriar da cidade como um todo!'***